

Aquilo que temos de mais caro

Tríduo Pascal dos Colegiais de Comunhão e Libertação
Rimini, 5-7 de abril de 2012

INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA

5 de abril, quinta-feira à noite

Cantos: Mare nostrum, L'uomo cattivo, Forever Young

Gostaria de começar cumprimentando e agradecendo particularmente aos que enviaram cartas em preparação deste Tríduo: recebi 184 páginas que eu, comovido, li por três vezes e que me ajudaram muito a viver este tempo. As palavras de vocês foram para mim uma companhia nestes dias de preparação e o que eu gostaria de lhes dizer é, em certo sentido, o meu diálogo com vocês sobre as coisas que li.

Gostaria de ser capaz de responder a todas, mas não é possível. O que posso dizer é que estou verdadeiramente comovido por estar aqui, comovido por ver tantos homens que vivem ainda o acontecimento mais poderoso da história do homem; e digo “viver”, não “celebrar”: viver, participar, escutar, sentir a poderosa Presença que mudou, que muda a minha vida, a sua vida, que me faz ser. Quando digo que estou *comovido*, digo que *sou movido* pela Sua presença, pela Sua presença que move o meu coração de pedra e me tira da letargia em que vivo os meus dias, ou melhor, sobrevivo.

Ele está aqui, e vem mais uma vez despertar a mim e a você, despertar o meu desejo, sustentar o meu desejo, realizar o meu desejo. Ele está aqui, e sem Ele, ou melhor, na ausência d'Ele eu não vivo, não tenho rosto e a vida é tédio. Mas viver com Ele, descobrir Cristo presente, dizer “Tu”, enche a vida de alegria. Se há alguma coisa que eu gostaria de lhes dizer nestes dias é precisamente isto: Ele existe, é real, está aqui. Ele está aqui, não porque você mereça estar com Ele ou por que você é diferente dos outros, mais inteligente, mais belo, mais puro, porque entende melhor. Ele está aqui e ama você ainda que você “*amar não sabe*”¹. Dar-se conta disto significa descobrir o segredo da vida. É esta misteriosa Presença, é este Tu que assegura a consistência do meu eu, da minha pessoa. Esta presença do Tu é a presença que deve ser reconhecida, acolhida e amada, caso contrário o eu dissolve-se na luz incerta do quotidiano confuso.

Eis a dramaticidade da vida: a luta entre a afirmação de si como critério da dinâmica do viver e o reconhecimento desta Presença, misteriosa e penetrante, como fator constitutivo da minha pessoa. “Já não sou eu, mas Tu, Cristo que vives em mim”², diz São Paulo. Já não sou eu com os meus projetos, com as minhas mãos, o meu “atropelo”, mas “Tu, ó Cristo, a Tua presença que tomou a iniciativa para comigo”. Ele acontece. Por isso, o que conta não é o que você vai fazer (concluir o ensino médio, ir para a universidade ou não, ter uma namorada), o que conta não é uma teoria ou os seus pensamentos, os seus sentimentos, a filosofia de vida; o que conta é um evento real na vida, um evento com o poder de mudar a vida, de revirá-la, o que conta é o que acontece neste momento que Ele escolheu para insinuar nos seus olhos e no seu coração a firme certeza de que Ele existe. Ele implicou-se na nossa vida e nada é tão comovente como o fato de Ele se ter feito homem para te acompanhar, com discrição e ternura, na descoberta da sua pessoa. Ele está aqui, o Seu nome é Jesus.

Canto: Liberazione n. 2

Aqui eu estava presente!

Gostaria de começar lendo a frase de uma das contribuições recebidas que, na sua simplicidade, acho que descreve muito bem a situação habitual em que nos encontramos todos os dias: “Se eu paro e tento olhar para trás [para a experiência dos últimos meses], não encontro nada, ou quase, que me faça dizer ‘Aqui eu estava presente’”. Eis o nosso problema: se olharmos para trás na vida, raramente podemos afirmar “Aqui eu estava presente”; vivemos a vida como se estivéssemos sentados à janela de um trem que vai em alta velocidade, atravessando muitas vilas grandes e pequenas, montanhas e lagos, vemos muitas coisas, muitas pessoas, muitas cores, mas nunca pousamos o olhar no rosto de uma pessoa ou na beleza de um lago ou daquela montanha;

¹ A. Mascagni, “O meu rosto”, Livro de Cantos, p. 77.

² Cf. Gl 2,20.

vivemos uma vida em que tudo é nebuloso, confuso, sem traços definidos. Em certo sentido vivemos a vida em alta velocidade e, visto que nós, limitados seres humanos, não temos a capacidade de acelerar o tempo, preenchemos o tempo com muitas atividades, achamos coisas para fazer. Nos Estados Unidos nós chamamos a isso *multi-tasking*, que é fazer muitas coisas ao mesmo tempo, sendo que você ouve a lição do professor enquanto envia uma mensagem no celular, ou ouve música enquanto fala com amigos. Somos definidos pelo fazer sempre muitas coisas. Pensem como para nós é estranho, como é difícil desligar o celular e estar verdadeiramente aqui. Fazendo muitas coisas não experimentamos mais nada, não sentimos mais nada, exceto um tédio que invade o nosso coração. Vemos muitas coisas, fazemos muitas coisas, temos muitos amigos, muitas pessoas à nossa volta, mas raramente somos provocados, atingidos por elas, e por isso vivemos a vida entretidos, distraídos, anestesiados, até o ponto de já não sentirmos a presença do real, daquilo que está fora de nós. É como se todos os dias, antes de nos levantarmos, vestíssemos uma armadura invisível que nos protege do embate com o real, com as circunstâncias, com os relacionamentos; uma armadura que nos protege do impacto com o real, e, quanto mais ativos e presos pelos afazeres, menos somos provocados.

Eu fui ordenado sacerdote dois meses antes do 11 de setembro de 2001; no dia em que caíram as Torres Gêmeas estive no aeroporto acompanhando uma aluna minha: o pai dela estava em um dos aviões que fez cair uma das torres. Cheguei ao aeroporto, onde todas as famílias tinham se reunido e eu – imaginem só, um padre novinho, abalado pelo sofrimento e confuso como todos – encontrei-me ali sentindo o peso do olhar de todas aquelas pessoas, o olhar de sofrimento e confusão por tudo o que havia acontecido. Logo que cheguei, dois homens, dois especialistas, levaram-me à parte e, de rajada, deram-me uma avalanche de conselhos: “Você deve dizer que tudo tem uma explicação, que sabemos quem fez esta atrocidade e que andamos à caça deles”; o outro, entretanto, olhava para mim e dizia: “Diga-lhes para irem às aulas amanhã, que façam os trabalhos de casa, que não pensem nisto, que esqueçam e continuem a viver a vida”. Por fim, outro ainda, dizia: “Esteja tranquilo; você, sendo padre, tem palavras que dão paz e fazem esquecer o mal. Diga-lhes que amanhã tudo voltará ao normal”. E eu pensava comigo mesmo: nada disso é justo, é uma mentira! Quantas vezes ouvimos dizer coisas semelhantes para esquecer o embate com a realidade. Morreu um amigo (que provocação do real, que impacto, que desafio!), e o que ouvimos dizer é: “Arranja uma ocupação e assim o sofrimento que você sente agora vai passar”, ou: “Deixa que eu lhe dê uma explicação com esta teoria que vai trazer paz ao seu coração, e assim você não tem de olhar essa situação”. Pensem que muitas vezes também a nossa companhia, a nossa amizade pode se transformar nisto: um esconderijo, um lugar onde nos sentimos protegidos, como se fosse uma terapia de grupo. Meus amigos, também Cristo pode ser sentido como este refúgio psicológico, um esconderijo do mal do mundo e das suas patifarias, uma resposta sentimental que permite pôr a vida em ordem por um tempo (não para sempre, porque a vida é sempre teimosa), que permite tentar suavizar a dor e fazê-la desaparecer e pode se tornar para todos como uma droga legal.

Vou ler o trecho da carta de uma amiga: “Não me consigo ligar às pessoas, talvez por ter medo ou talvez por não ser capaz de confiar. Tenho medo que me deixem ficar só, medo de não ser compreendida, de estar isolada, e isso me causa ansiedade e tristeza. É por isso que tenho este comportamento por vezes tão agressivo, [sublinho isto] só procuro proteger a mim mesma de tudo e todos, e assim crio para mim um casulo dentro do qual não é que me sinto bem, mas pelo menos protegida. Tenho tanta raiva dentro de mim e não consigo eliminá-la, não consigo mesmo, tento descarregar nas duas coisas que são, talvez, as mais importantes para mim: a música e o voleibol”. Tem este medo dentro de si e, como está triste, faz outras coisas. “Eu muitas vezes me sinto tão só que não consigo fazer mais nada a não ser enfiar os meus fones, ouvir música depressiva e chorar. Odeio-me por não conseguir perceber que talvez devesse confiar nas pessoas que tentam me ajudar”. E continua: “Não quero a compaixão de ninguém, só quero ser compreendida e ajudada a confiar nas pessoas e tentar ultrapassar e enfrentar as dificuldades. O meu mundo está todo virado do avesso, como o de *Alice no País das Maravilhas*, e quero apenas tentar que volte ao normal. Agora termino com uma frase de uma canção de J-Ax: ‘Porque a vida e a bicicleta têm o mesmo princípio, você tem que continuar em movimento para manter o equilíbrio’”. Descreve muito bem a situação em que todos nos encontramos, que é fazer o possível para nos protegermos do real e, dessa forma, procurando tornar a realidade normal, a vida se torna pequena e angustiante: fazemos muitas coisas, mas já não fazemos a experiência de nada e perdemos o gosto pela realidade, porque não estamos presentes nela. Tal como fazemos por vezes com os bebês, que ao sentirem a falta da mãe se põem a chorar e a gritar e nós, imediatamente, queremos distraí-los dando qualquer coisa para fazer, de maneira que esqueçam o desejo da presença da mãe. Neste sentido somos drogados, porque se deixamos de sentir o impacto com a realidade, depois

de vivermos assim por um tempo, sob o efeito desta droga, quando sentimos a realidade nós a percebemos como intensa demais, parece forte demais: a provocação é forte demais.

Eliot usa esta frase maravilhosa: “A realidade é demais para o homem”³, e nós, realmente, temos medo do real e já não o experimentamos, não porque não seja atraente, não porque não nos desafie ou não nos mobilize, mas porque nós já não estamos diante da realidade. Claro que vemos o mundo à nossa volta, mas nós já não fazemos experiência e a única coisa que nos interessa são as coisas a fazer, como dizia a nossa amiga, “porque a vida e a bicicleta têm o mesmo princípio, você tem que continuar em movimento para manter o equilíbrio”. O resultado de viver uma vida assim é que estamos à mercê das circunstâncias, determinados pelas circunstâncias, pelo ambiente, pelos sentimentos que provamos, pelo contexto devastador, que nos priva da nossa humanidade, soterrando a nossa sensibilidade, nos fazendo fugir da realidade. Outra amiga nossa escreve: “Nunca como nestes tempos tinha me percebido tão à mercê das circunstâncias. Paradoxalmente estou completamente definida pelo que consigo ou não fazer, e não devia ser assim. É frustrante porque é um contínuo oscilar de momentos de entusiasmo para momentos de um vazio interior, inexplicável, em que me interrogo: o que é que determina aquele ímpeto alegre para as coisas? O que está por trás desta espécie de apatia?” À mercê das circunstâncias, incapazes de ver além de nós mesmos, vivendo prescindindo de tudo o que acontece à nossa volta, estamos encolhidos sobre nós mesmos, amedrontados. Quanto mais coisas fazemos, mais frágeis ficamos e, por vezes, estamos chateados porque a vida não gira como pensávamos, porque as coisas não estão sob o nosso controle e as circunstâncias nos aborrecem, não só por não estarem sob o nosso controle, mas também porque aparecem privadas da força que parecem prometer. Estamos eternamente insatisfeitos, mas, surpreendentemente, não o bastante para explodir: sentimos o tédio na vida, mas não o bastante para gritar, e assim, aos poucos, a realidade e a vida deixam de interessar, só nos interessa fazer coisas, interessam as emoções que sentimos. Se pensarem nisso, já nem nos interessam os amigos, mas nos interessa aquilo que podemos fazer com eles ou o que eles podem nos fazer sentir. Não nos interessa o que está fora de nós.

O que nos interessa mais do que as emoções?

Este ano, por acaso, li um livro de Robert Nozick, um filósofo americano e professor em Harvard que há trinta anos decidiu fazer uma experiência sociológica interessante, a partir da qual fizeram um filme. Imaginem, diz ele, que nós conseguíamos criar uma máquina capaz de produzir as emoções desejadas, de estimular o cérebro de maneira a podermos pensar ou sentir que escrevemos um grande romance, ou conhecemos novos amigos ou que descobrimos a cura do câncer. Imaginem a possibilidade de pensar, sentir e provar as coisas mais desejadas sem interrupções, uma máquina capaz de nos dar as emoções que procuramos, capaz de garantir a realização dos nossos sonhos, a máquina “perfeita”, capaz de reproduzir todas as experiências sonhadas, de modo a podermos sentir e pensar o que desejamos: ler um livro, mudar o mundo, a alegria de formar uma família, de ser amados, de ser abraçados, sem nunca sentir dor, sem nunca sentir desilusão. Com uma simples condição: você ficaria numa banheira, como no ventre da sua mãe, sem o saber, estaria consciente uma única vez, durante cinco minutos, a cada vinte anos, de maneira a poder escolher o que quer sentir. E Robert Nozick interroga-se: “Mas você estaria de acordo com isso? Com a possibilidade de sentir o que quiser, com a possibilidade de pensar e sentir a realização de todos os seus sonhos, com a possibilidade de viver uma vida sem nunca sentir sofrimento ou desilusão, você estaria de acordo com uma coisa assim?” Eu – e espero que você também – diante de uma coisa assim sinto um instante de repugnância, como também a maioria dos que foram interpelados por ele a sentiram, porque na vida há algo além do sentir ou do pensar. No seu estudo, Nozick concluiu que uma das razões pela qual muitos não gostariam de viver uma vida assim é porque relacionar-se, ligar-se a esta “máquina das experiências”, nos limitaria a uma experiência humana, a uma realidade exclusivamente humana, a um mundo sem profundidade, sem possibilidade de um contato concreto com uma realidade para lá daquilo que parece. Dito mais simplesmente, interessa-nos viver a vida até o fundo, interessa-nos sair de nós mesmos, entrar em contato com a realidade, sentir o impacto do real, não como sensação ou como emoção, mas como possibilidade de relação com outra coisa que não sou eu. É esta a natureza do homem, a natureza da razão humana, que é, em última instância, exigência de algo mais e percebe a efêmera aparência das coisas e das circunstâncias como um convite a outra coisa, a outra coisa misteriosa, diferente de mim, infinita, não imediatamente atingível. Exigência de algo mais, saudade de algo mais.

³ T.S. Eliot, “Burnt Norton”, de *Four Quartets*, in *The Waste Land. Quattro quartetti*, Milão, Feltrinelli, 1995, p. 97.

O despertar do coração

Este, e é o *segundo ponto*, é o drama da nossa existência: tudo parece conspirar para silenciar esta saudade de algo mais, além de mim, dos meus sentimentos, dos meus pensamentos, fora de mim. Apesar da nossa sede de fazer coisas para encobrir esta saudade, graças a Deus, todos nós, a um certo ponto, sentimos o impacto com o real e o coração começou a gritar. Podemos abandonar este grito humano por aquilo que não é ultimamente humano, podemos encher a vida de projetos e de ocupações, mas, mais cedo ou mais tarde, o coração humano, tocado pela realidade, vem à tona. Vou ler um trecho do livro *Miguel Mañara* que li este ano numa aula, após uma conversa sobre o amor, quando, farto de ouvir como o amor era descrito pelos meus alunos, lhes disse: “Basta! Temos de ler isto”. Se não sabem o que é o *Miguel Mañara*, peçam a alguém que o tenha lido que lhes conte, comprem-no, leiam-no. Mañara diz: “Arrastei o Amor no prazer, e na lama, e na morte; fui traidor, blasfemo, carrasco; consegui tudo o que um pobre diabo pode empreender e vede! [...] Eu mastigo a erva azeda da rocha do tédio. [Eu mastigo a erva azeda da rocha do tédio] [...] Todavia depressa nasceu em mim o desejo de perseguir aquilo que vós jamais conhecereis: o amor imenso, tenebroso e doce. Mais de uma vez julguei alcançá-lo: mas não era senão o fantasma de uma chama. Eu abraçava-o, jurava-lhe uma eternidade de ternura, ele queimava-me a boca e cobria-me a cabeça com a minha própria cinza, e, assim que eu reabria os olhos, o dia horrendo da solidão lá [...]. Ah! como preenche-lo, este abismo da vida? O que fazer? Porque o desejo continua aí, mais forte, mais louco que nunca. É como um incêndio no mar soprando a sua chama no mais profundo do negro nada universal! É um desejo de abraçar as possibilidades sem fim!”⁴. Queridos amigos, a droga mais forte, a armadura mais forte não pode matar o coração do homem, pode soterrá-lo com as suas cinzas, silenciá-lo, dar ao homem muita ocupação, muitas atividades, com a finalidade de fazê-lo esquecer do grito do coração, com o objetivo de distraí-lo, de maneira a não se fazer ouvir, mas matá-lo não pode jamais.

No entanto, *terceiro ponto*, perante esta urgência do coração dentro de nós às vezes estamos amedrontados, como Carrón lhes dizia no ano passado: “Sentir urgir dentro de nós as exigências de felicidade, de beleza, de justiça, de amor, de verdade, senti-las vibrar, ferver em cada fibra do nosso ser”⁵, nós às vezes temos medo disto. Escutem esta contribuição que penso descreve bem essa circunstância: “Também há outra questão e esta é drástica. Agora sinto em mim uma insatisfação opressiva, sobretudo e paradoxalmente depois de coisas boas, noitadas com os amigos, e mesmo as notas da escola. Tenho a clara percepção que nada preenche e perdura. Quanto mais me esforço para obter alguma coisa mais isso é efêmero. O que fazer? Eu quero sempre, sempre, sempre mais. É bom, é característico do homem, ainda bem que é assim, senão eu seria uma pedra”. As exigências de liberdade e de felicidade nos são familiares, todos nós as sentimos, todos nós sentimos a repulsa de viver a vida reduzida a emoções, a pensamentos, a coisas para fazer. O sentir que estas coisas não bastam ao coração, que tem de haver algo mais, é o momento mais humano, é o ápice da nossa humanidade, é o momento em que o impacto do coração com o real te faz experimentar a grandeza do homem, mas isso pode ser percebido como um tormento, como um absurdo, e é propriamente por causa disso que todos dizem para fazer calar o clamor, porque se o ser humano é clamar por algo diferente de nós e se não existe nada diferente, o clamor é absurdo, a vida é absurda, a vida torna-se um inferno, um tormento. Se a possibilidade de uma resposta na vida, de uma resposta ao clamor do coração não existe, viver assim é realmente duro.

Outra amiga diz numa contribuição: “Num episódio do livro *Fahrenheit 451* o protagonista pronuncia esta frase: *Deixá-lo em paz! Não é difícil, mas como poderei deixar em paz a mim próprio? Nós precisamos não ser deixados em paz! Precisamos ser atormentados de vez em quando! Há quanto tempo não há nada que lhe atormente? Que lhe atormente seriamente por alguma coisa que realmente conte?*”. Vocês não se dão conta que percebemos que o ser humanos coincide com desejar algo que está fora de mim, mas que este “fora de mim” também pode ser o tormento da vida? Ela, porém, introduz um modo diverso de entender isto e diz: “Tal como o Montag, também eu no passado estava convencida que a minha vida era ‘perfeita’, julgava ter tudo, mas na realidade faltava-me a coisa essencial, faltava-me aquele ‘tormento’... E assim ia sobrevivendo, não vendo a hora de chegar o fim do dia para esconder a minha infelicidade. Não obstante aquela ‘perfeição’ [lembram-se? A vida normal] todos os dias eu queria morrer, mas de repente conheci pessoas fantásticas, que me abraçaram, me levaram com elas e educaram o meu olhar em busca do belo, e assim nasceu aquele ‘tormento’, aquela constante busca que me levou a viver a vida com ‘óculos especiais’ que melhoraram a minha vida. Aquele desejo de que o

⁴ O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, Paris, Éditions André Silvaire (1986), p. 18-20.

⁵ J. Carrón, “Saudação aos jovens no Tríduo Pascal dos Estudantes dos Colegiais”, in “*Mestre, onde moras?*”, “*Vinde e vede*” (junho 2011), www.passos-cl.com.br

dia terminasse desapareceu, nascendo, em vez disso, o desejo de viver cada instante a cem por cento com aqueles ‘óculos tão especiais’ que me faziam ver tudo como dom e que me faziam agradecer cada coisa! Foi assim que comecei a sentir na minha vida a presença de Alguém maior que me dava presentes a casa instante”. Percebem a diferença? Se Alguém não está presente, o clamor do coração pode ser percebido como tormento, como angústia de viver, a angústia de procurar uma coisa que não existe. Contudo, a nossa amiga, encontrando alguns que a educaram e vivendo com eles, começou a perceber “a presença de Alguém maior”, a presença de Outro. A realidade impressiona-me continuamente e solicita a procurar Algo diferente, Algo que possa corresponder a esta necessidade humana, a este grito humano, estas exigências, e isso não coincide com nada que eu possa agarrar. Nozick, o filósofo de quem falamos antes, diria: “Não sei o que é, mas é algo diferente de mim”. Não estamos interessados em viver numa máquina feita pelo homem porque é demasiado humana. Pensem na grandeza do homem e na sua miséria: não ficamos contentes com as coisas que queremos ou podemos fazer, e não ficaríamos contentes nem mesmo se conseguíssemos fazer as coisas mais sonhadas, porque nunca ficamos contentes com algo que seja meramente humano. Eu posso ter estas emoções e pensamentos, mas a coisa que mais desejo é o encontro com o real, no qual encontro Algo além da aparência. Quando encontro o real, o coração vibra e exige Algo de impossível, grita por Algo mais que o humano. É impossível responder por nós mesmos a este grito do humano: existe, mas o que é? Esta pergunta é o ápice da humanidade. Para lá deste ponto, “existe, mas o que é?”, não podemos ir sozinhos: podemos perceber o ignoto, podemos perceber a ideia do Mistério, mas não podemos agarrá-lo. Que vertigem! Existe, mas não é captável pelo homem; existe, mas não sei o que é.

Numa página de Evelyn Waugh, dois amigos falam do seu passado, dos seus amores, e dizem o seguinte: “Talvez eu e você sejamos máscaras e a tristeza que por vezes cala entre nós nasça da desilusão da nossa procura, cada um forçando através e além do outro, captando de vez em quando um vislumbre da sombra que sempre dobra a esquina um ou dois passos à nossa frente”⁶. Um vislumbre da sombra que sempre a cada esquina nos precede alguns passos: “Existe, mas o que é?”. Viver cada dia tentando alcançar um desconhecido: esta pode ser uma situação vertiginosa, é uma desproporção enorme. Quanto mais o homem caminha, quanto mais o homem está presente no real, mais a presença de um mais, de um Outro, se deixa entrever. Tu não tens de fazer nada para provocar isto, há em ti um coração que vibra diante do real, que vibra carente de conhecer este Outro, um Tu.

A espera de um Tu

Quarto ponto: se este Mistério existe, se é outra coisa e se dele não podemos saber nada, a palavra que devemos usar referindo-se a ele deve ser a mais digna da experiência humana, como diz Giussani, que é dizer conscientemente a outro: “tu”. “Se dizemos ‘Tu’ a esta imensidão, a esta realidade totalmente diversa, inimaginável, se dizemos ‘Tu’, então compreendemos que não limitamos o Mistério; e o Mistério paira sobre o nosso dia de forma diferente [...] todos falam do Ente Supremo, de *algo*, mas ninguém diz ‘Tu’ a isto”⁷. A palavra Tu implica uma coisa diferente de mim, objetivo e diferente de mim, uma coisa diferente daquilo que eu penso e sinto.

Queridos amigos, estando juntos nestes três dias, ajudemos-nos a abrir-nos a este Outro de nós, a este Mistério, ajudemo-nos a sair dos nossos pensamentos e das nossas emoções, e a abrir o coração, a sentir o embate deste Mistério. É essa a decisão da vida: seguir a Presença que faz despontar dentro de nós as exigências do coração. É esta a vida e quem não aceita isto não aceita viver: partimos para uma aventura em que, quem faz cálculos com a sua própria medida, com a sua própria capacidade, com o que deve fazer, com o que pensa e pode imaginar, perde-se. Porque aquilo que lhe espera, aquilo que a realidade revela não é você. A verdade da vida é a medida do Mistério. É essa a decisão, a maior decisão da vida (“Já não sou eu, mas Tu, ó Cristo”), que tem consequências imprevisíveis. Esta aventura é só para homens audazes, só para homens que decidem estar vivos, para aqueles que desejam ser livres, para quem é capaz de querer realmente bem a si mesmo.

Canto: O meu rosto

⁶ Cf. E. Waugh, *Reviver o Passado em Brideshead*, Lisboa, Relógio d’Água, 2002, p.331.

⁷ L. Giussani, «Tu» (*o dell’amicizia*), Milão: BUR, 1997, p. 337

6 de abril, sexta-feira de manhã

Angelus

Cantos: Anime affaticate et sitibonde / Vero amor è Gesù / Non son sincera

Vou resumir brevemente os pontos de ontem à noite.

Temos dificuldade em estar presentes, andamos ocupados a tal ponto que deixamos de sentir o real, o embate com o real; vivemos fechados em nós mesmos, não encontramos amigos, não sentimos o embate da relação, encontramos unicamente a nossa ideia de amigo. E dizia: é como uma droga, é como uma armadura que vestimos para viver protegidos do embate que o real nos causa, a ponto de estarmos amedrontados com o real e a ponto de o sentirmos como um tormento. Mas, dizíamos no fim, não há coisa mais verdadeira na nossa vida do que este coração que pulsa, que clama, este coração que clama por Algo diferente, Algo fora de mim, Algo que não sou eu. Este Algo que não sou eu, que é este Mistério a quem dizemos ‘Tu’.

A reviravolta do método

Os homens de todos os tempos procuraram, por meio das suas elucubrações e fantasias, captar este Tu. Todos O procuraram, porque não existe nada com mais valor que mereça ser procurado. Sem este Tu a vida é tormento, mas então para que serve viver uma vida carregada de tormento, se não posso experimentar, tocar este Tu, se não posso chegar a este Mistério? Se a vida fosse assim, seria absurda, seria uma chatice, um inferno. Todos os homens encontraram esta pergunta dentro de si: como eu posso chegar a este Tu, este Tu para o qual toda a realidade parece apontar? A resposta a esta pergunta é simples: não vai conseguir, nunca vai conseguir sozinho porque entre o eu e este Tu há uma desproporção que é intransponível, há um abismo que nenhum homem é capaz de atravessar. Eu e você somos impotentes diante deste objetivo. A verdade é que você não pode chegar, não pode alcançar aquilo que não é humano, não consegue, salvo se o próprio Mistério se fizer homem, homem como você e como eu; não o pode alcançar, a menos que Ele opte por vir ao seu encontro.

“O Verbo se fez carne”⁸. Aquilo de que toda a realidade fala, o Verbo, o Mistério, se fez homem. Ele decidiu, na Sua ternura, bater à sua porta. Isto não é uma metáfora para aquecer o seu coração, é um fato acontecido. Pensa só que predileção, como resposta ao grito humano, ao grito do seu coração, a você, desfeito como está, imperfeito como é, que o Mistério tenha respondido com voz humana, tenha lhe respondido e responda como respondeu a Zaqueu: “Desce da árvore, que esta noite vou jantar na sua casa”⁹. Na sua casa, vai jantar com você, comer com você nessa mesa onde você come todas as noites, essa mesa velha, que precisa de um pedaço de papel debaixo de uma perna para não balançar. O Mistério escolheu vir na sua direção. Para se dar a conhecer, o Mistério entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de tal maneira que o pensamento e a afetividade do homem sejam atraídos por Ele. O Mistério implicou-se na nossa vida até o ponto de se fazer um de nós. Nós não podíamos chegar a Ele, mas na Sua ternura Ele escolheu se fazer companheiro fisicamente, carnalmente.

Mas não se dão conta de que não há nada mais importante, aliás, mais urgente, para verificar? Se isto é verdade, a vida deve ser repensada, revista, porque se isto é verdade, então todas as categorias mudam, o método muda, a vida muda. Deixo de ser eu com a minha inteligência, criatividade e esforço, com o meu “atropelo”, que tento alcançá-Lo, mas é Ele que me alcança, que vem ao meu encontro na forma mais familiar para mim, mais fácil de verificar. Tudo sofre uma reviravolta: a relação com o Mistério deixa de ter base num esforço humano, deixa de ter base numa análise da realidade, deixa de ter base na minha força de vontade, tem base no embate com um presente que me alcança. É esta a reviravolta. O esforço da inteligência deixa de ser central; o que é central é a simplicidade do reconhecer. Se é verdade que o Mistério entrou na história, isso obriga a fazer outra pergunta, uma pergunta nova: “Mas Tu, homem, quem és Tu?”, este homem que comendo, caminhando, vivendo normalmente a Sua existência, disse: “Eu sou o seu destino. Eu sou Aquele do qual todo o cosmo é feito”. Repararam na enormidade dos termos da questão? O simples fato de haver um homem que afirme “Deus se fez homem” levanta um problema radical, ineliminável para a vida de cada um de nós. Este desafio exige que todos

⁸ Cf. Jo 1,14.

⁹ Cf. Lc 19,5.

nós tomemos posição. Que Ele tenha existido, que Ele exista: esta é a questão mais decisiva da existência. Nenhuma outra opção, nenhuma atividade que você possa pensar pode ter mais importância do que isto.

Então, como eu posso verificar se isso é verdade ou não? Não é um esforço da minha inteligência, porque inteligência e vontade não podem apreender aquilo que é maior do que eu, diferente de mim. Se quiser verificar se isso é verdade ou não, você tem de seguir o método imposto pelo Mistério, caso contrário não vai verificá-lo jamais. O Mistério rasgou a abstração e a distância dado que, não sendo nem visível nem palpável, o pensamento não o pode apreender como apreende o significado de um rosto e a afeição não o pode captar como capta o significado de um rosto. A realidade de um rosto, de um rosto humano, é mensurável com o tempo e com o espaço, é visível, tangível, audível; a inteligência pode, portanto, dar-se conta, surpreender a sua profundidade e a afeição, e mover-se para ele. O Mistério, não você, escolheu entrar na história do homem com uma história idêntica à de qualquer homem e propôs um método novo, um método para que todos podemos usar por estarmos familiarizados com esse método, e esse método é o encontro.

O encontro

Se vocês querem compreender, têm de se identificar com o que aconteceu. Imaginem que encontram um homem que, ouvindo-o falar, muda a vida, faz pulsar o coração. Imaginem Simão quando se encontrou lá a poucos metros de Jesus, que com o olhar desvendou o seu caráter, a sua personalidade. E dizia para si mesmo: “Mas como pode este aqui saber tudo? Como consegue ler o meu coração desta maneira? Não abri a boca e ele já sabe tudo?! Como pode este aqui ler assim o meu coração? Jamais alguém me olhou assim”. Simão, como André e João, foi cativado pela pessoa de Jesus, ficou pasmado, cheio de maravilha, não tanto pelo fato de Ele saber (talvez alguém já Lhe tivesse falado de Simão), mas pelo fato de Ele poder ler o seu coração, compreender os desejos que raramente ele partilhava com quem quer que fosse. Estar diante daquele homem, ouvi-lo falar, era uma coisa tão excepcional, por aquele olhar que abraçava toda a sua pessoa, com todo o seu passado, sem ignorar nada, por aquele olhar de ternura e ao mesmo tempo por aquela autoridade com que falava. Era verdade, o que Ele dizia era verdade. Pedro sentia-o como verdadeiro, porque o coração batia dentro dele, vibrava dentro dele. Talvez não fosse capaz de entender mais do que isto (era um pescador, não havia lido muitos livros), mas era verdade. Simão estava tão surpreso que se sentiu logo ligado, cativado por Ele, até o ponto de, no dia seguinte, em vez de ir cumprir a sua obrigação, decidiu seguir aquele homem ouvi-lo falar mais uma vez, para se sentir olhado mais uma vez.

Imaginem o velho fariseu, Nicodemos, chefe dos judeus, que ia ter com Jesus às escondidas para escutá-lo (às escondidas, porque senão os amigos dele acabavam com ele). Nicodemos já o tinha ouvido falar outras vezes em público e havia visto os milagres tal como os outros. Alguém que falava assim, que fazia o que Jesus fazia, fazia-se notar e muitos iam procurá-lo, mas quando tudo acabava iam para casa, regressavam à rotina do quotidiano, porque para muitos Jesus era interessante ou misterioso, mas “temos de voltar para casa porque amanhã há que trabalhar”. Para Nicodemos não foi assim, ele foi cativado pelo olhar daquele homem, pelas Suas palavras e, regressando com a multidão, não conseguia arrancar de si aquele olhar e aquelas palavras. Imaginem que ele, logo que chegou a casa, começou a recitar os Salmos e a recordação d’Ele o assaltava continuamente, até que decidiu ir procurá-lo de noite; e logo ao chegar junto d’Ele ouviu dizer: “Quem não nascer do Alto não pode ver o reino de Deus”¹⁰. Renascer... mas que loucura! Como se faz? Nicodemos, um fariseu que tinha dedicado a vida ao serviço de Deus, quando escutou estas palavras sentiu a sua vida toda ir pelos ares. É como se Jesus tivesse dito: “Olha, Nicodemos, os teus sacrifícios, as tuas leis, as tuas regras, todas as coisas que fazes não servem para nada”. Jesus não disse a Nicodemos: “Olha que deves deixar de proceder assim ou assado”, não era necessário. Nicodemos sabia que depois de ter visto aquele homem, depois de tê-Lo escutado, depois de ter sido olhado assim, depois de ter sido fixado e amado por Ele, não podia voltar atrás, ficou tudo do avesso e ele – decidido a seguir a intuição de uma grande verdade – não se deteve. “Nascer de novo? Como posso eu entrar no ventre de minha mãe? Diz-me o que devo fazer, porque as Tuas palavras são tão poderosas que fazem transbordar o meu coração”¹¹. É outra coisa: não é esforço dele, não tem nada a ver com a inteligência dele, a capacidade ou a força de vontade dele. A Sua presença, o Seu olhar, as Suas palavras faziam mudar Nicodemos. Era o Seu olhar, o ficar com Ele que o fazia renascer homem livre, sem medo, homem novo.

¹⁰ Jo 3,3.

¹¹ Cf. Jo 3,4.

Gostaria de vos fazer ouvir este canto, *Lela*, belíssimo, que descreve muito bem o que estes homens sentiam quando voltavam para casa depois de O terem visto, com os olhos cheios da memória daquilo que Ele tinha dito, pasmados, calados, invadidos pela impressão que tiveram do Mistério encontrado. Leio um trecho da tradução: “Não me deixes e tem compaixão de mim, sem ti não posso, não posso viver. Dá-me o alento das tuas palavras, dá-me a ternura do teu coração, dá-me a luz do teu olhar, dá-me a vida com o teu doce amor”.

Canto: Lela

Quem és tu?

Simão decidiu deixar tudo e de ir atrás de Cristo todos os dias e olhava para Ele atentamente, todos seguiam atentamente o que Ele dizia, os Seus gestos, como abraçava aquela pobre viúva que havia perdido o filho, como falava com os fariseus. Olhavam para tudo isso como criancinhas, fascinados. Tão fascinados estavam que, certo dia, começaram a pedir que Ele os ensinasse a fazer essas mesmas coisas: “Mestre, ensina-nos também a rezar”.¹² Atenção, não podemos dar por óbvias estas coisas: eles já sabiam rezar, mas perceberam que com Ele havia um modo novo de rezar. E Simão, como uma criancinha junto do pai, perguntava tudo a Jesus, até o ponto de imitá-Lo na maneira de falar, na maneira de andar. E à medida que O seguia aquele maravilhamento inicial se aprofundava. Pensem em Simão que, algum tempo depois, ouviu dizer: “Simão, filho de João, você se chamará Pedro”¹³. Simão, de início, ouviu estas palavras um tanto confusamente. Imaginem: “Mas está louco? Vai alterar o meu nome? Vai me dar um nome? Mas olha que o meu nome me foi dado pelo meu pai, João, pela minha família, eles me deram este nome, foi o meu pai, que me deu a vida, que me deu este nome”, mas ao mesmo tempo não podia evitar dizer: “Mas é verdade, está certo, é bom. Você me ensinou rezar, me ensinou a olhar, eu pertencço a Ti, Jesus. Você me faz, me dá o nome. Eu Te pertencço, Tu és como meu pai, o qual me ensinou tantas coisas, mas agora me percebo Te imitando, olhando como Você, falando como Você. Tu és meu pai”. Quanto mais o tempo passava, mais uma pergunta se apresentava intensa na sua mente: “Mas quem és Tu?”. Pedro sabia dele, havia conhecido a família de Jesus, havia conhecido Maria, Sua mãe, e tenho a certeza que em Caná, entre copos de vinho, tinha conseguido que Ela lhe contasse a infância de Jesus! Pedro naquela noite não tinha qualquer interesse pelos noivos, ele estava interessado em saber mais sobre Jesus. Pedro terá ouvido falar das Suas aventuras: tinham fugido para o Egito naquela noite em que Herodes matara tantas crianças inocentes, todos recordavam ainda esse fato, e depois tinham voltado para Nazaré, onde Jesus vivia com Sua mãe. Pedro conhecia todos os pormenores do passado de Jesus, o que tinha feito, de onde vinha, mas esses pormenores todos não podiam explicar aquele homem, não podiam responder à pergunta que continuamente se reabria, todos os dias: “Mas Quem és Tu?”. Cada vez que escutava aquele homem falar ou via os milagres realizados, cada vez que se sentia abraçado por Ele com aquele olhar que penetrava a alma, a mesma pergunta irrompia na sua mente: “Mas Tu, Jesus, quem és?”.

Não aconteceu no mundo nada tão excepcional, inimaginável, como aquele homem: uma excepcionalidade sem igual, porque correspondia ao seu coração, tanto que Pedro não podia senão ficar colado a Ele, apegado a Ele, agarrado por Ele; correspondia às exigências inegáveis do coração como nunca poderia imaginar e prever. É esta a excepcionalidade de Jesus: aquilo que Pedro mais desejava, aquilo que tu mais desejas acontece. Pedro conhecia todos os pormenores, a história, sabia tudo daquele homem, mas tudo isso não explica a Sua excepcionalidade: “Mas Quem és Tu? Quem és, que até o mar Te obedece?” E Pedro falava disto com os amigos, claro, às escondidas (isto não é pergunta que habitualmente se faça às pessoas da rua), discutiam entre eles e alguns dos amigos até já tinham pensado em teorias boas, interessantes: cada um tinha a sua teoria e tentava convencer os outros. E um dia, passando com Pedro e os seus companheiros junto da rocha de Cesareia de Filipe, Jesus, que provavelmente os ouvira discutir, olhou putra vez para eles e perguntou: “Quem as pessoas dizem que Eu sou?” Eles, contentes, começaram a falar, contando-Lhe as teorias que tinham ouvido ou que tinham imaginado. Mas pouco depois Jesus interrompe dizendo: “E vocês, quem dizem que Eu sou?” Pedro, de rompante, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”¹⁴. Não podia suceder de outra forma: “Jesus, Tu és o Mistério, o cumprimento da vida, Tu és tudo”. Pedro respondeu imediatamente, cheio da evidência nascida da vida partilhada com Ele.

¹² Lc 11,1.

¹³ Cf. Jo 1,42.

¹⁴ Cf. Mt 16,13-16.

A pergunta que Cristo fez aos apóstolos é a pergunta da nossa vida. Nenhuma outra pergunta que o homem possa pensar é mais grave, maior e mais decisiva que esta. Toda a nossa vida, como valor, depende da resposta a esta pergunta: se Ele existiu como qualquer homem, se o Mistério se fez carne, se Deus é homem. É deste modo que o Mistério se revela a te e a mim, o modo normal, a forma humana em que se encontra: as circunstâncias da vida. Com efeito, o canto *Noi non sappiamo chi era*, que agora vamos cantar juntos, é a pergunta diante de todas as circunstâncias.

Canto: *Noi non sappiamo chi era*

Aonde iremos?

Certo dia, na sinagoga, Jesus disse: “Vocês têm de comer a minha carne e beber o meu sangue”. Já podem imaginar o que aconteceu: todos se puseram aos gritos, alguns queriam matá-Lo. Sumiram todos e Jesus ficou só com Pedro e os seus companheiros no silêncio da noite. Eles calados, mas Jesus quebrou o silêncio com outra pergunta desconcertante: “Vocês também querem ir embora?”, e Pedro, transtornado com aquelas palavras, recordando todos os outros momentos, de repente gritou de improviso, impetuoso: “Mestre, nós não compreendemos nada, mas se formos embora, aonde iremos? Tu, só Tu, tens palavras que dão sentido à vida. Se eu não acreditar em Ti, não posso confiar sequer nos meus olhos”¹⁵.

Vocês percebem que isto não é questão de compreender intelectualmente? A dignidade da afirmação de Pedro não deriva realmente de uma escolha da sua vontade, é a resposta de quem tem a humildade e a fidelidade, a humanidade de seguir Jesus atraído pela evidência da Sua presença, agarrado pela Sua presença. A sua resposta era um reconhecimento de verdade humana, de humanidade correspondente ao seu coração, àquilo que toda a vida tinha desejado. Essa é a verdadeira escolha: ver algo que se encontra, na qual nos embatemos na vida, uma coisa diferente que evoca em você, na sua pessoa, o sentido da vida, que lhe faz desejar poder estar perto daquele homem, porque com Ele o caminho se torna mais simples, mais conciente, mais feliz.

Agora escutemos o nosso Coro que vai cantar um dos cantos mais belos da tradição cristã, *Dulcis Christe*. Acompanhem: era um homem, ou seja, teve de dar-lhes testemunho, pedir-lhes para recordar a Sua humanidade. Não disse: “Sou Deus”. Nós fazemos, muitas vezes, exatamente o contrário. Escutemos.

Canto: *Dulcis Christe*

Existe, se atua

Aquele homem disse: “Eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo”¹⁶. Só se, de fato, Ele é presença agora, pode influir sobre mim e mudar-me, dar-me aquilo que Ele quer, como fizera com Pedro e os seus companheiros. Somente algo que age agora, no presente, existe. O que não age no presente não existe. Nós não podemos sair do presente: partimos do presente, agimos no presente, vivemos no presente. “Eu estou com vocês todos os dias até o fim do mundo”. Mas se está conosco todos os dias, deve ser visível, tangível, audível, no tempo e no espaço, hoje, agora, do mesmo modo, com a mesma modalidade com que estava presente há dois mil anos, de outra forma é uma recordação, é uma lenda. Se Jesus não está aqui, o Seu nome não é mais que uma palavra: “Eu estou com vocês todos os dias”. Ele está presente, mas onde? Como? Cristo está presente segundo a modalidade que Ele criou: a companhia das pessoas, em carne e osso, que Ele toma e identifica consigo. E a companhia não nasce de um estar juntos, mas de um eu que diz “Tu”, de um eu, de uma pessoa que sabe dizer “Tu”. Com estas pessoas identificadas com Ele e, portanto, ligadas entre si, Ele está presente no mundo tendo um rosto, Ele está aqui.

“O acontecimento cristão tem a forma de um encontro: é algo que penetra nossos olhos, que toca nosso coração, que podemos envolver com nossos braços”¹⁷. Assim foi salva a nossa vida. O Mistério, este Tu, escolheu, na Sua ternura, vir ao seu encontro, não como uma recordação bucólica de grandes acontecimentos, mas contemporâneo a você. Cristo continua a conquistar o homem e o leva para dentro de Si. É Ele que no decurso da história, entre tanta gente no mundo, toma ora um, ora outro, sem pedir licença a ninguém.

Ouçam esta contribuição belíssima.

¹⁵ Cf. Jo 6,22-71.

¹⁶ Mt 28,20.

¹⁷ S. Alberto – L. Giussani – J. Prades, *Generare Tracce nella Storia del Mondo*, Milão, Rizzoli, 1998, p. 24.

“Olá, estou morando na Associação Cometa há um ano. Posso dizer que este lugar me transformou alma e coração. Cheguei à Cometa para fazer o ensino médio profissional e, assim, tive a minha primeira entrevista com a Antonella; logo no momento em que a vi, descendo as escadas, percebi que era uma pessoa diferente de todas as outras“. Nomes, lugares, tangível, audível... Diz ela: “para mim, fumar tinha se convertido num vício, sabem quando se diz: ‘Bebo para esquecer’. Eu não, eu fumava para esquecer, foi uma fase bem ruim da minha vida, odiava todos, a minha vida, o mundo inteiro, mas não era suficientemente forte para mudar, estava sozinha, pensava que fumar me salvasse”. Pessoal, aqui troquem por vocês mesmos, porque é fumar, ou é o namoro, ou é o estudo, ou a música, ou é a discoteca, que nós pensamos que nos salva... “mas cada vez que passava o efeito, eram ainda mais duros todos os problemas que me rodeavam. Então comecei a fumar desesperadamente [ou a ir à discoteca desesperadamente ou a estar com o namorado desesperadamente], de maneira a nunca estar saudável, de maneira que os problemas deixassem de existir”. Lembrem-se do que eu dizia a vocês ontem: de maneira a se proteger de tudo. Ela continua: “Ao começar a ir às aulas, percebi que a Antonella odiava aquilo que eu fazia comigo mesma e de algum modo, estranhamente, para mim o que ela pensava era mais importante que todo o resto”. Impõe-se, sem explicação, impõe-se: “de algum modo, estranhamente”, diz ela. “Pessoal, foi a primeira vez que me senti aceita por aquilo que eu era, e não por aquilo que fazia. Digamos a verdade, o que é que pode ser melhor do que sentir que nos querem bem? Nada”. O ser amados, queridos amigos, é a característica que acompanha inevitavelmente o maravilhamento que este encontro provoca. Ela continua: “Passando a frequentar a escola cada vez mais e sempre com mais vontade, a Antonella me convidou num sábado à noite para a caritativa. De início não entendia muito bem o que era, cheguei ali e me sentia como um peixe fora de água: eram todos muito religiosos, falavam de Deus, rezava-se antes de comer. Para mim era uma coisa estranha, eu já não acreditava em Deus; tinha me tirado duas das pessoas mais importantes da minha vida, por que eu deveria rezar, por que deveria acreditar nEle, quando precisamente Ele era parte da causa do meu sofrimento? Mas estando ali não pensei em tudo isto, e comecei a confiar na ‘Anto’, no que ela me dizia e, para dizer a verdade, recomecei a rezar, e sentia-me bem, sentia-me livre, estava sempre feliz, tanto por estar com os meus amigos quanto por rezar!”. É uma Presença que te muda; não são as regras que te mudam, é a Presença que de algum modo, estranhamente, faz você amar até as coisas que antes odiava, ou pensava que odiava. A minha vida, o meu rosto, nasce de um encontro que se faz, ou seja, de uma Presença reconhecida, que permanece no tempo. Este encontro é como o encontro de Pedro, porque a nossa amiga, como Pedro, encontrou Alguém que revirou tudo, não com regras ou cálculos, com medidas humanas, mas com uma Presença que se faz simpática, que maravilha pela Sua excepcionalidade. Leio a última parte da sua contribuição: “Agora estou mais ou menos no mesmo ponto de antes das férias, já não O encontro [já não encontro esta Presença], não sei por que, perco-O na rua, tenho Lhe pedido para regressar; portanto, agora o meu ponto de desafio, é reencontrá-Lo!”. Li esta parte para que se deem conta: para ela o problema não é fumar ou deixar de fumar, não é ser ótima na escola, o problema é reencontrá-Lo, é esse o desafio. Foi tocada a ponto de ficar colada à Antonella: não rezava, não lhe interessava, mas, assim como para Pedro, não é um problema intelectual, é o simples reconhecimento de um *mais*.

Gostaria de vos ler outra contribuição, que me ajudou a compreender outra dificuldade que temos. Diz: “Há alguns meses já posso dizer, com certeza, estar radicalmente mudada: algo entrou na minha vida que não passou despercebido, algo capaz de fazer comover e fazer chorar alguém que não tem lágrimas e que, por princípio, não chora. O ponto de partida da minha mudança foi um jantar com alguns amigos, no qual um amigo nos contou que ele, um homem que tinha tido um enorme sucesso no campo da moda e que conseguira alcançar a fama, dinheiro e poder, depois de ter se afastado do Movimento durante dez anos, tinha se dado conta que tudo o que tinha nas mãos não bastava, tudo aquilo por que tinha se esforçado e que conseguira obter não bastava. Assim, decidiu renunciar a tudo e ligar-se novamente ao Movimento de Comunhão e Libertação. A minha primeira reação diante deste testemunho foi pensar: ‘Este é completamente doido!’; mas logo depois tive de perguntar a mim mesma: ‘Mas por que foi que agiu desta maneira?’ Colocando-me seriamente diante desta pergunta, de repente me dei conta da presença de pessoas que nunca me abandonaram, que souberam me orientar”. Isso é muito bonito: um encontro, o testemunho de alguém que te abre, que te faz ir em frente. Quero deter-me na segunda parte, porque nos ajuda a compreender onde paramos. “Refletindo, fiquei comovida e me perguntei: ‘Por que me tratam assim? [falando destes amigos]. Por que motivo teimam em me querer bem e em preocupar-se comigo? O que é que os faz ser tão convictos?’ Querendo a todo o custo achar uma resposta para tudo isto, comecei a estar com eles de uma maneira diferente, procurando em cada coisa o motivo da sua certeza”.

Quero lhes fazer notar um desvio, ainda que infinitamente pequeno, mas importante, porque nós mudamos o método, queremos voltar à habitual abordagem da vida: para ter o controle daquilo que acontece, procuro afirmar

uma resposta perante o encontro, perante este outro que me muda, tento reduzi-lo à minha medida, tento analisá-lo. No entanto, é preciso ser fiel à mudança do método introduzido pelo encontro: o centro da atenção já não é você, mas Outro, fora de você, que entrou na sua vida; não vai conseguir captá-lo, compreender todas as razões, encerrá-lo na sua mente. Alguém entrou na vida e lhe mudou, lhe restituiu a vida. Dão-se conta, então, que a pergunta mais correta não é: “Por que acontecem estas coisas?” ou: “Como fazer com que aconteçam outra vez?”, mas sim: “Antonella, quem és tu?” Eis a alternativa que Pedro viveu, a alternativa que todos nós vivemos, a alternativa entre o maravilhamento e a medida, o poder da nossa medida. Se diante desta mudança da nossa vida, se diante destes fatos nós não dizemos “Tu”, nós não perguntamos “Quem és Tu?”, a certeza não cresce em nós e o que prevalece é uma redução voluntarista, que só traz confusão, porque tentamos reproduzir nós o Mistério. Julgamos por nós próprios, fazemos por nós próprios, reduzimos a excepcionalidade do fato a um pensamento, àquilo que nós conseguimos compreender, ou reduzimos o acontecimento de Cristo a um moralismo (“Uma vez que aconteceu isto, então eu tenho de fazer...”). Este é o ponto da traição: fomos tomados, maravilhados, agarrados, mudados por Ele e no instante seguinte voltamos o olhar sobre nós, sobre a nossa medida, sobre aquilo que nós somos capazes de compreender e de imaginar. Foste mudado ao ponto dos teus amigos não te reconhecerem mais e, em vez de reconhecer a excepcionalidade do fato, mudas o modo de olhar e tentas analisá-lo, possuí-lo, agarrá-lo. O desafio é este: baixamos o olhar, desistimos de fixar o olhar sobre Ele, sobre aquilo que aconteceu, e escondemo-nos na nossa cabeça, na nossa análise do porquê, na nossa análise da situação e, conseqüentemente, Cristo deixa de estar no horizonte do nosso olhar e sentir. É então que a dúvida nos invade. Quando o olhar não está sobre Ele temos medo. Este é o pecado, a traição de Judas, que tentou explicar Jesus, tentou dar a si mesmo as razões, os motivos para a Sua existência, e como resultado deixou de conseguir vê-Lo, via só aquilo que ele julgara compreender, mas era incapaz de reconhecer a Sua excepcionalidade. É esta a nossa traição, aliás, o coração de todas as nossas traições.

Vou ler uma passagem do Evangelho contado por Dom Giussani, que para mim é uma das mais belas e densas. Recomendo mesmo que o leiam, não agora, talvez depois: “Todos se colocam em círculo [Jesus apareceu, ressuscitado], ninguém fala, todos calados, porque todos sabiam que era o Senhor ressuscitado [...]. Tinha preparado peixe assado para eles. Todos se sentam, comem. No silêncio quase total que reinava na praia, Jesus, estendido, olhou para o que estava a Seu lado, que era Simão Pedro: fitando-o, Pedro sentiu [...] o peso daquele olhar, porque se recordava da traição de poucas semanas antes, e de tudo quanto tinha feito [...]. E aquele homem ali junto dele abre a boca e diz: ‘Simão [...], tu amas-me?’. [...] então, num murmúrio, num murmúrio Pedro respondeu. A sua resposta foi vagamente insinuada com um murmúrio. Não ousava, mas... ‘Não sei como, sim, Senhor, eu te amo; não sei como, mas é assim. A dignidade da afirmação de Pedro não derivava de modo algum de uma opção da sua vontade ou da sua capacidade humana, mas do reconhecimento límpido daquilo que lhe é mais caro a ele. Pedro não podia dizer mais nada a não ser: ‘Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que te amo. A minha simpatia humana é por ti’¹⁸, eu não existo sem você.

Vou reler também um trecho do *Miguel Mañara*, este homem que fez de tudo, encontrou amor de uma mulher que o conduziu a Outro, a um Tu e, considerando a vida, considerando certamente o seu próprio pecado, mas também o fato de ele ter sido encontrado, tomado e arrabatado por Outro, diz: “Não estou certo, não tenho o direito de estar certo exceto de uma coisa apenas: do meu amor, do meu amor, do meu amor cego por Ti. Nada é puro, exceto o meu amor por Ti; nada é grande, exceto o meu amor por Ti. Nada é belo, exceto o meu amor por Ti. [...] Nada é sincero, exceto o meu amor por Ti; nada é real exceto o meu amor por Ti [o meu pecado, a minha traição não existe. Só Ele é]”¹⁹. Veem como é simples e bela a vida dos amigos de Cristo?

Leio as últimas linhas de Dom Giussani: “Em suma, era fácilimo manter, viver a relação com aquele homem, bastava aderir à simpatia que fazia nascer, uma *simpatia profunda*, semelhante àquela simpatia vertiginosa e carnal da criança com sua mãe, que é simpatia no sentido mais intenso do termo. Bastava aderir à simpatia que fazia nascer”²⁰. E Miguel Mañara o que diz? “Eu sou Mañara, aquele que mente quando diz: eu amo. E porque disse ao Eterno [ao Mistério] que o amava, o meu coração é alegre e as minhas mãos são desejáveis como pães”²¹.

Vou ler a contribuição mais bonita que recebi: “Frequento o último ano do ensino médio. [...] Há um ano luto contra uma doença que parecia ter se apoderado de mim a ponto de não me permitir viver. [...] De repente

¹⁸ L. Giussani, *Il Tempo e il Tempio. Dio e l’Uomo*, Milão, BUR, 1995, pp. 49-50.

¹⁹ O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 71.

²⁰ L. Giussani, *Il Tempo e il Tempio...*, op. cit., p. 50.

²¹ O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 71.

acontece. Acontece Ele, Cristo Jesus, homem, carne. Com rosto, traços, uma voz e um coração cheio de estima por mim, de iniciativa, de uma ternura tão fascinante quanto gratuita. E a parti daí [diz ela] renasceu tudo. Comecei a desejar, a implorar com todas as fibras do meu ser, amar e amar-me como Deus ama. E acordava de manhã como se cada dia fosse um ressurgir de vida nova: os amigos tornavam-se novos, quer dizer, atraentes, misteriosos, interessantes. A família, a relação com o meu namorado, a escola. Até aquela avó, que padece de um tumor há anos e, parece estranho dizer, antes era vista com tanta indiferença, se torna intrigante porque querida”. Acontece, tudo muda, é bom, é simples: “Tudo me chama porque existe, é amado em cada instante por um Amor tal que o faz ser, lhe dá vida. E então qualquer aspecto da realidade, uma flor que luta com o asfalto para despontar no ambiente cinzento de Milão, as estrelas do céu, e até a comida é percebida como verdadeiramente é: dom”. A nossa amiga tem vários problemas, mas algo aconteceu que virou tudo do avesso e tornou a vida simples. Então, digam-me: Cristo existe ou não existe? Aqui Cristo existe ou não existe? Ela diz no fim: “Penso que, mais do que uma vigarice, o cristianismo é algo indefinível por palavras humanas [isto é mesmo bonito: o cristianismo é algo indefinível por palavras humanas, porque você não consegue defini-lo, não consegue apreende-lo]. E, certa de estar rendida, para sempre, lhe escrevo. Parto para estes dias de Tríduo pedindo [e desejo isto a todos] que Cristo invada o meu coração (e uso um termo militar porque é inextirpável em mim o pecado, que quanto mais cresço mais sinto pesar sobre os meus ombros e sinto a tentação de negar a Ele a possibilidade de rasgar uma brecha no meu coração). Que me converta [ouçam bem como ela fala: que Ele a converta]. Que se transforme em ar que, ainda que eu suspenda a respiração, entre pelo poros da minha pele. Você perguntou o que vislumbramos como próximo desafio. Julgo poder responder: viver na espera do Mistério, pedindo-Lhe que se faça companheiro. Que não seja o sentimento a dominar, mas a certeza da Presença”.

Vamos ficar por aqui. Escutemos o canto *Negra sombra*. Vou ler a tradução: “Quando penso que fugiste, a tua sombra me surpreende e vens à minha cabeceira, apanhando-me de surpresa, apanhando-me de improviso. Quando imagino que foste embora, tu te mostras no próprio sol, és a estrela que brilha, o vento que sopra”.

Canto: Negra sombra

Gostaria de lhes dar uma indicação de método. Ajudem-se a olhar, abram o coração. Vamos fazer a Via-Sacra juntos: abram o coração, para que esta Presença possa entrar. O que convence o homem hoje, o homem de hoje, é o testemunho. Usem o tempo inteligentemente. Portanto, leiam os testemunhos na revista *Passos*, leiam os apontamentos. No livrinho que receberam eu incluí também estes encontros comentados por Dom Giussani: que vocês se ajudem a entrar, e não se distraiam, de maneira a poderem sentir a Sua presença.

ASSEMBLEIA, JOSÉ MEDINA

7 de abril, sábado de manhã

Cantos: Angelus / Early in the morning / Il viaggio / Hoy arriesgaré

José Medina. Hoje vamos fazer um apanhado do trabalho que temos feito ao longo destes dias, e lhes digo desde já o seguinte: chegaram perguntas muito bonitas – e a beleza da pergunta faz perceber também a beleza da experiência vivida –, perguntas entre as quais foi difícil escolher as mais significativas. Seleccionamos cinco perguntas, que mais ou menos resumem as outras.

Antes de começar este trabalho, gostaria muito de vos dizer uma coisa: nós somos homens. Os homens são feitos, vivem no tempo e no espaço, por isso, precisamos do tempo e do espaço. As coisas não se compreendem de repente, aliás, essa é a tentação de que falámos nestes dias: tentamos reduzir a experiência que fizemos e assim corremos o risco de encerrar a pergunta que foi aberta dentro de nós. Mas, agora que Cristo está presente, o tempo não é mais uma escravidão, é uma alegria. Eu comecei a entender isto aos quarenta anos. Portanto, tenham paciência com vocês mesmos, porque se as coisas se compreendem com o tempo, não é um limite, é parte da nossa humanidade, é a beleza da vida. Espero que compreendam este ponto também nestes dias. E agora vamos começar.

Sou de Imola. Nestes dois dias experimentei um bem em mim e o que foi dito descreve-me. No entanto, sinto-me bloqueada. Como posso sair da minha medida e estar presente nas circunstâncias que vivo?

Medina. Pode nos contar qual é esse bem que você experimentou? Qual é a natureza desse bem que você experimentou nestes dias?

Uma correspondência que senti naquilo que fazia; talvez não esteja tão presente quando estou em casa, mas aqui foi para mim mais evidente.

Medina. Pode descrever essa correspondência?

Tem sido uma fase difícil para mim agora, mas eu vi que aqui me senti verdadeiramente abraçada, senti que gostavam de mim e que aquilo que fazíamos era para mim, também a Via-Sacra, também o fato de estar ali a rezar, o fato de me pôr a cantar com os meus amigos, também o ouvir dizer: “Como está? Como tem passado estes dias?” para mim já foi muito.

Medina. Por que motivo este sentir que gostam de você é diferente do sentir que gostam de você em outro lugar?

Porque vejo que é mesmo um interesse por mim, lá fora é talvez um pouco mais superficial e aqui, pelo contrário, é mesmo um interesse mais profundo, eu acho.

Medina. Para responder à tua pergunta eu faria duas observações. A primeira é esta. Tu dizes: “Eu senti que gostam de mim”. Isso é um fato, aconteceu, chegaste a um lugar com sete mil pessoas e sentiste que gostam de ti. Isso tem consequências imediatas: como é possível? Não podes dar isto por adquirido: como é possível eu sentir que gostam de mim num sítio onde estão sete mil pessoas? Como é possível que eu possa sentir que gostam de mim, que sou abraçado por alguém que está a cem metros de mim? Mas isso é um fato, esse sentir que gostam de ti aconteceu. Antes de continuar, têm de deter-se nisto: alguma coisa me aconteceu, senão passamos adiante rapidamente e esquecemos o que aconteceu. Alguma coisa aconteceu contigo: “Senti que gostavam de mim”.

Há outra pergunta muito parecida com esta.

Sou de Roma. Eu vivo rodeada de boas relações, que não se encerram nunca nelas próprias, sinto que esta companhia é para mim. Portanto, compreendo que deveria aderir, mas não sei por que, faço resistência. Por que isso ocorre?

Medina. Gostaria que escutassem esta pergunta precisamente pela forma como é formulada: “Eu vivo rodeada de boas relações [alguma coisa aconteceu comigo], mas...”. Ora, este “mas” é a condenação da nossa vida, é uma objeção que nós opomos a um fato presente. Aconteceu alguma coisa, mas... Não veem como imediatamente colamos ao fato alguma coisa nossa? No entanto, aconteceu algo de belo, ponto! Aconteceu algo de belo que me atrai, na qual eu gostaria de mergulhar. Veem o esforço que fazemos para estar diante do real? Imediatamente tentamos sobrepor a nossa objeção, que foi destruída até pelo fato. Nós podemos ter vindo aqui com todas as nossas objeções, com todas as nossas cargas, os nossos problemas; chegamos a um lugar onde

sentimos que gostam de nós... A intervenção dizia: “Rodeada de relações muito boas, sinto esta companhia para mim, compreendo que devia mergulhar nela”. Isso quer dizer encarar o real: aconteceu alguma coisa! O “mas” é você que colocas. Se você, com toda a sua razão, com toda a sua afeição, foi tocado, arrastado por uma realidade excepcional que entrou e o arrasta, encara esse fato! Caso contrário, falamos das nossas objeções e não do fato acontecido. Como se eu amanhã chegasse à escola e me dissessem: “Como foi o Tríduo?”, “Foi comovente, sete mil pessoas, mas a comida não era grande coisa”. O comentário destrói o fato, desvia o meu olhar do fato. Este é o primeiro ponto.

Alberto Bonfanti. Pode-se dizer que, então, a pergunta, precisamente para encarar isto, é a que você fez antes: qual é a natureza deste fato? O que foi que encontramos? Qual é a natureza desta correspondência? Qual é a origem?

Medina. Trabalhamos na lição sobre isto e dizíamos: não é o “mas” – agora eu também o compreendo melhor –, mas é o “quem é você, qual é a natureza deste fato?” Eu encaro aquilo que tenho diante de mim, quero ver o que tenho diante de mim, o que me aconteceu a mim.

Eu aludi ao meu amor pelo *Miguel Mañara*: este mulherengo que vive a vida, que descobre dentro de si o desejo do coração, mas se dá conta que todas as coisas que faz não basta, e está sempre em busca de outra coisa. A certa altura conhece uma mulher, Jerónima, e apaixona-se. Apaixonado por ela, nota que esta mulher é um fato excepcional, é capaz de abraçar o seu pecado. Ela morre e ele vai ter com o abade com o peso de todos os seus pecados, mas com o olhar cheio de todo o amor desta mulher. Antes eu falei do tempo: este homem demora dez páginas para compreender. Os discípulos estiveram com Jesus três anos, todos os dias, e passados três anos não tinham compreendido. Têm de ler, no quarto quadro, o diálogo entre Mañara e o abade: há este belíssimo “vaivém” em que o abade ajuda mesmo Mañara a fazer a experiência de que agora falamos. Mañara chega com o olhar sobre os seus pecados: “Mas eu não valho nada, como posso eu? Não mereço nem mesmo estar aqui” e o abade faz continuamente com que ele levante os olhos. Mañara diz uma frase muito parecida com a da intervenção anterior: “Tenho medo da vossa grande compaixão, Padre. Sinto-me tão envolto, tão rodeado de ternura. Não se pode ser tão terno, Padre. Sinto-me derreter na vossa querida ternura. Tenho vergonha. Nunca me falaram assim”²². Veem o esforço? Mas o esforço entre que coisas? O esforço entre o meu pecado e o amor de outro; o ser definido pelo meu pecado, pelo meu “atropelo”, ou ser definido pelo amor recebido. Num certo sentido somos tão miseráveis que nos custa abandonar aquilo que nos envergonha, o nosso pecado, e assim ficamos presos à nossa pequenez. Mas a dado momento o abade, que está um tanto farto de Mañara, do seu não se deixar ir, diz esta frase, que é mesmo verdadeira: “Tu não tens cara de um homem que ouve”²³. Não tens a cara de um homem que ouve: está voltado sobre você mesmo; está tocado pelo amor, mas... Como alguém que ganhasse na loteria: “Você ganhou 300 milhões!”, “Oh não, mas eu não posso... eu sou pequeno, não mereço, comprei um bilhete, dá para outro...”. Percebem que é este o esforço que fazemos? Este é o “mas”. Então o abade, depois de ter lhe dito: “Olha que tu não ouves”, diz esta frase que sempre ficou gravada no meu coração: “Por que temes perder aquela que te soube encontrar?”²⁴. O que é que temes, tens medo de perder aquilo que te soube encontrar? O amor de Cristo veio ao teu encontro e te abraçou. Precisamente o esforço, o trabalho a fazer, a nossa liberdade está toda em jogo neste fato. Você tem de decidir dizer sim a esta Presença ou dizer sim ao seu pecado, ao seu limite. Naquela frase que ouvimos: “Gostam de mim, mas não sou capaz”, você tem de escolher qual lado da frase apontar, toda a sua liberdade está centrada nisto. Tenham paciência e não tenham medo, não há motivo para ter medo: aquilo que soube lhe encontrar, que veio ao seu encontro, o fez sem perguntar nada antes de chegar. Ele veio quando quis vir.

Sou de Treviso. Eu gostaria de perguntar que diferença há entre julgar e reduzir a uma medida minha.

Medina. Experimente responder.

Quando faço uma experiência boa, para que não seja apenas um sentimento ou uma emoção, é necessário um juízo, mas muitas vezes tenho a tentação de que predomine a razão, a inteligência, e não mantenho sempre o coração completamente aberto.

Medina. Então que diferença há entre o juízo e a medida?

²² O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 62.

²³ *Id.*, p. 68.

²⁴ *Ibid.*

Fui eu que fiz a pergunta...

Medina. Mas vejam que, se colocamos perguntas verdadeiras, temos de ter um instante de intuição! Tu disseste uma coisa que para mim é importante esclarecer logo: a emoção não é uma coisa a pôr de parte. Dom Giussani diz que a emoção e o sentimento são o convite, como a janela que abre ao real. Não é preciso ter medo das emoções, da alegria, da dor, porque é propriamente assim que sentimos o real. Não é algo a pôr de parte. Seria uma redução se nós ficássemos ao nível da emoção, se não passássemos a porta, se ficássemos fora, mas a emoção é necessária: se tu não sentes, não és homem. A razão é o único instrumento que temos: quando vos disse que é um fato e não um esforço, é uma coisa que veio ao teu encontro, não significa que é um menos do nosso intelecto, da nossa razão, mas é um dar prioridade ao fato em que nós embatemos, e embatemos com toda a nossa razão e com toda a nossa liberdade. Não há nada de mais falso que a ideia de que tens de pôr de parte certos aspetos da tua humanidade.

Então, o juízo e a experiência têm a ver com o fato de tu, diante do real, entrares com todo o teu coração e verificares se essa realidade corresponde ou não ao coração, como exigência de felicidade, de amor, de justiça, exigência infinita de felicidade, amor, justiça. Por exemplo, eu gosto do meu celular; agora, eu tenho de regressar aos Estados Unidos, levo oito horas de avião e com o celular vou entretido, mas não responde ao meu coração, quer dizer, não tem capacidade de me dar esta felicidade infinita que eu quero.

Eu disse-vos no fim da Via-Sacra que têm de fazer um trabalho, para que esta experiência que vivemos juntos, que eu vi nas vossas caras cheias de alegria (porque sentiram que gostavam de vocês ao ponto de dizer: “Mas isso é lindo, é excepcional!”), seja julgada, verificando se tem capacidade, força, possibilidade de responder ao coração. Converte-se numa aventura, nesse sentido. Eu dizia na lição de ontem que Pedro sabia muito sobre Jesus, conhecia o lugar onde tinha nascido, o que tinha feito... também nós viemos aqui com sete mil pessoas, fizemos isto e aquilo... mas esses pormenores todos não conseguem explicar o fato de eu aqui sentir que gostam de mim. Então, há qualquer coisa de excepcional, capaz de responder ao meu coração! O fato de tu conseguires intuir isso é fundamental: que eu sinta que neste lugar gostam de mim, no sentido de que senti toda a minha vida abraçada, todo o meu passado, de um modo que me permitiu olhar para mim próprio com ternura, porque uma das coisas mais belas é uma experiência de vida que permita olhar com ternura para mim próprio e para o meu mal, isso corresponde ao coração. E é isto o juízo: há algo, alguém, seja qual for o nível do caminho em que nos encontramos, que corresponde. E é diferente da medida, em virtude da qual fazemos encaixar tudo nas nossas objeções e nas nossas análises, ou ficamos a um nível sentimental e não vamos mais além do convite do real, ou ficamos a um nível moralista, voluntarista, em que nos interessa unicamente o que fazemos. Consegues explicar agora?

Vou tentar... Quando sinto algo que corresponde verdadeiramente ao meu coração, às exigências de felicidade, de justiça, aí está o juízo.

Medina. É necessário fazer este trabalho, porque tu o sentiste, mas podias ir para casa hoje somente com uma memória do passado, e depois tens dificuldade na escola na quarta-feira, na quinta-feira, e depois terás dificuldade na vida, e então dirás: “Era bom naqueles tempos, quando eu era novo, quando estive com aqueles sete mil! Se aqueles sete mil estivessem comigo na escola...”. No entanto, tem de se tornar um juízo, no sentido de que a pessoa deve chegar a dizer que aconteceu algo. Uma coisa é estar diante de Jesus que faz os milagres e dizer: “Olha que bom! É impressionante! Estes estavam aqui sentados, não podiam falar, não se podiam mexer, agora se mexem... é mesmo interessante!”. É bom ser espectador... Mas é diferente – e este é o passo da liberdade, o passo do juízo – reconhecer que o excepcional, algo de verdadeiro que eu vi, permanece comigo para sempre, é como uma rocha, está comigo para sempre. Tu poderás trair, poderás ir embora, poderás fazer o que quiseres amanhã e também depois, mas não poderás dizer que isto não aconteceu. Poderás dizer não estar interessado, ou de estar interessado em outras coisas, mas se é um juízo fica com você para sempre: o juízo é a origem da certeza.

Julián Carrón convida-nos continuamente a fazer este trabalho: as coisas que dissemos durante estes dias há quarenta-cinquenta-sessenta anos que as dizemos mutuamente, não é que agora as coisas mudaram e há novos desenvolvimentos; há dois mil anos que falamos da mesma coisa, mas o que é que faz a diferença? Que se torne um juízo para você, que se torne fato para você, que você o reconheça.

Venho de Gênova e sou apaixonado por tecnologia. Tive a oportunidade, uns dias antes de partir para o Tríduo, de comprar um celular: era o meu sonho e aproveitei logo. Estes dois últimos dias antes do Tríduo vivi-os com a intenção de aprender coisas a nível teórico sobre este celular para poder usá-lo bem, para tirar o

máximo proveito dele. E também no ônibus, sempre que podia, tentava aprender. Mas na primeira noite você disse que o que temos de fazer é deixar que Jesus entre e nos fale, e nós temos de fazer silêncio, pôr de lado o resto. E também deu indicações: o silêncio no ônibus, reler os apontamentos, a revista Passos e o livrinho. Então eu me pergunto: Jesus também pode se mostrar através das minhas paixões, dos meus desejos, das coisas que me agradam e atrás das quais vou? Quer dizer, com estas paixões afastou-me ou também posso reconhecê-Lo?

Medina. Onde está o celular?

Vou comprar-lo no domingo...

Medina. Ah! Ainda não o comprou?!

Estou me preparando...

Medina. Olha, se assumires com seriedade, com igual seriedade, a vida da nossa companhia, está tudo garantido para ti! Há uma frase de São Paulo que resume a tua pergunta, muito justa: o fato de Cristo se ter feito carne quer dizer que tudo é bom, tudo é oportunidade, porque se Ele é carne, se toda a realidade é sinal d'Ele, então tudo pode ser uma oportunidade de encontrá-Lo. Isto é simples, é manifesto. Tudo: o celular, o computador, a sua paixão pela música, os seus amigos... tudo é oportunidade para entrar nesta relação com um Tu. Mas, assim como a pessoa pode ficar à porta com a emoção, com o sentimento, assim nós podemos ficar à porta desta aventura, se fixarmos o olhar apenas no objeto. O objeto é o convite a fazer algo mais, não é que o objeto seja mau.

Eu gosto muito da tecnologia, acho que é muito útil porque me permite fazer coisas que antes não se podia fazer; por exemplo, nós [Medina nos EUA e Bonfanti na Itália] preparamos o Tríduo em conjunto, a sete mil quilômetros de distância e nos víamos no vídeo. Isto permitiu que nos preparássemos, e é muito bom que exista este instrumento, porque me permite estar mais certo, conhecer este homem Jesus. Mas ao mesmo tempo pode se tornar uma distração. Alguém me dizia: “Ontem você disse a palavra ‘reduzir’ sete vezes”, vou acrescentar mais uma... Eu gosto, porque posso reduzir o celular a uma coisa de menos, a uma distração. Por isso há sempre necessidade de uma vigilância, de uma tensão no modo como usamos os objetos, no modo como estamos juntos.

Ontem, a certa altura, eu disse que a companhia é Jesus. Então, se vocês se derem conta destas palavras e as têm em mente quando estão juntos, há certas coisas que deixam de dizer, precisamente pelo reconhecimento deste acontecimento. Vou contar um caso. Eu recebo 150 e-mails todos os dias. Pensem um instante: 150 e-mails todos os dias para ler, são muitos minutos. Então tive de pensar na maneira como eu uso o e-mail e coloquei-me esta pergunta: como posso eu usar este instrumento ótimo para viver o real mais intensamente? E então disse para mim mesmo: vou lê-los de manhã, antes que os meninos cheguem à escola, e à tarde, antes de ir para casa. Basta. Mas faço isso porque me ajuda a viver a vida. Vale também para o rezar, porque me ajuda a viver a vida, e assim arranjo tempo para fumar um cigarro e para rezar no meio do dia, porque esse momento me ajuda a viver com mais intensidade a vida.

Os instrumentos que temos, que são a revista *Passos*, a Escola de Comunidade, a oração, a amizade, todos estes instrumentos com que o Mistério vem ao nosso encontro, deve usá-los com inteligência. Se agora estão na presença de algo que acontece, dizia eu no outro dia, encarem e estejam presentes, sem se distraírem com coisas pequenas, mas encarem-no mesmo cara a cara. Daí a indicação do silêncio. Impressiona-me quantas vezes no Evangelho os discípulos ficam maravilhados, calados, não porque haja algo de bom em estar calados, mas porque estão maravilhados diante de uma coisa que existe e querem olhá-la. Como quando o Real Madrid joga contra o Barcelona... eu infelizmente sou do Real Madrid e no ano passado estava mesmo tenso. Alguns da escola, que não são espanhóis nem têm uma paixão pelo futebol, sabendo da minha paixão foram ver um jogo comigo, e a pior coisa do mundo é ter gente à nossa volta que não entende nada de futebol e começa a falar... para mim é uma distração, porque eu quero ficar centrado no que está acontecendo, e então se alguém me liga para o celular durante o jogo, como já me aconteceu, eu não respondo, porque estou vendo o jogo. Não é que isso seja mau, é que o jogo está presente, Ele está presente, então eu tenho atenção a isso.

Bonfanti. Eu gostaria de contar um breve episódio de Dom Giussani a propósito de como tudo, mesmo a tecnologia, é um instrumento para viver mais intensamente o real e aquela paixão que encontramos.

Contaram-me ontem que uma vez levavam Giussani de carro a Turim, quando apareceram os primeiros *sem parar*, os primeiríssimos, pouquíssimos. Não tendo no carro, tiveram de parar para pagar o pedágio e Dom Giussani perguntou: “Mas o que é isso?”, “É o *sem parar*: permite não parar...”, “E por que você não tem?”, “Acabaram de sair”. Falava assim por causa de trinta segundos, porque teria permitido poupar trinta segundos

para, quem sabe, poder estar presente antecipadamente naquilo que tinha para fazer. Ou então a paixão com que Dom Giussani aceitou as transmissões via satélite, porque dizia: “Nós temos de ir por todo o mundo”.

Medina. Não há nada de mal, mas no modo como usamos as coisas é preciso ter uma compreensão, uma compreensão da finalidade. Que todos os objetos, todas as pessoas nos ajudem a viver mais intensamente a vida! Então julguem. Julguem mesmo. A amizade de vocês ajuda a viver a vida ou não? Porque, se não ajuda, mudem de amigos. O celular ajuda a viver com mais intensidade a vida ou não?

Eu sou de Bolzano. Gostaria de fazer esta pergunta: depois que reconhecemos que o método não é ditado por nós, mas ditado pelo Mistério, isso significa que eu não tenho de fazer mais nada? Quer dizer, tenho de fazer alguma coisa, ou devo deixar que Deus faça tudo?

Medina. O que você está dizendo?

Muitas vezes me aconteceu tentar fazer qualquer coisa, mas nunca me bastou.

Medina. Vou dar um exemplo do futebol. Você vai ver o jogo (eu ia ao estádio de vez em quando, é ótimo ir ao estádio), chegas lá, há uma semana que falas aos amigos que queres ir, como o nosso amigo que ainda não comprou o celular e já pensa no celular, e dizes: “Agora vou me sentar já que não tenho de fazer mais nada, os outros é que fazem...”. É um pouco intelectual essa pergunta, no sentido de não real, porque se você vai ver algo que acontece, é exatamente o contrário do não fazer nada, faz tudo, está mesmo voltado para essa coisa. O fato de Deus se ter feito homem, que Ele aconteça, não reduz a nossa humanidade, mas exalta a nossa humanidade. O fato de você prestar atenção a algo que está mesmo na sua frente, lhe obriga a lançar toda a sua razão e a sua afetividade sobre aquele objeto. Dei o exemplo do nosso amigo de antes porque é simples. Ele gosta do celular, lê as instruções antes de comprá-lo (veem que há algo que acontece e não é verdade que não fazemos nada), está centrado nele com toda a inteligência e com toda a afeição, centrado em reconhecer aquilo que vem na direção dele. O problema é que vocês reduzem o fazer as coisas àquelas coisas que pensam ou que entendem com a sua inteligência e não a este impulso para o real, que é mil vezes mais forte que tudo o que possamos imaginar na nossa cabeça. Na minha opinião é mais humano, é mais emocionante apaixonar-se do que pensar em se apaixonar e, de fato, quando você se apaixonou, se alguma vez se apaixonou, não faz nada, olha para a menina e diz: “Oh, chegou... para onde vai? Quem a conhece?”, ou então, porque reconheceu alguma coisa boa para você, está em movimento, e se lança: “Do que é que ela gosta? Como posso conseguir falar com ela? O que é que eu lhe digo?”

Uma presença que se impõe na sua vida, que atrai a sua simpatia leva para dentro de si todo o seu ser. Pensa com este exemplo como se compreende também a primeira pergunta. Você se apaixonou por uma menina e vê que ela está ali, é muito bonita e quer ir falar com ela, mas... eu sou um pouco feioso, os outros são mais bonitos, eu não mereço alguém assim... Lembra-se da primeira pergunta? Gostam de mim, *mas...* Mas é ela, é linda, e eu avanço para ela. Aliás, o fato de ela existir me muda. É realmente bonito ver isso com os jovens que se fazem homens, que chegam ao ensino médio e estão desfeitos, mas depois aparece a moça e começam a mudar. Isso é fazer alguma coisa: uma presença que te muda. A razão por que você sente esta pergunta dentro de você (“Então não tenho de fazer mais nada?”) é porque a prioridade vem de fora, de outro, porque já não é você que decide, a vida não é decidir o que fazer no momento seguinte, é um reconhecer, é um mover-se para, é um comover-se. Mas isso é propriamente fazer tudo, porque você se move com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua paixão e a sua inteligência: se você se sentiu amado, permanece ligado a isso.

Vou ler este trecho de Carrón, de agosto de 2000, no qual também cita Dom Giussani. Ele diz: “Um juízo, ou seja, acusar o impacto da Sua presença que arrasta em si toda a sensibilidade, toda a afeição. [Para os apóstolos] ‘não era um apego sentimental, não era um fenômeno emocional: era um fenômeno de razão, exatamente uma manifestação dessa razão que faz você se apegar à pessoa que tem à sua frente, na medida em que é um juízo de estima [de simpatia, dizíamos ontem]; olhando para ela, nasce um maravilhamento de estima que faz você se apegar a ela’”²⁵. Não deve ser reduzido a uma emoção, mas é exatamente o fato de você sentir que gostam de você o que corresponde ao coração, e por isso fica apegado com toda a sua inteligência. Ela sentiu que gostam dela, mas veio fazer uma pergunta, com toda a sua razão, para lá dos seus medos, diante de sete mil pessoas. É fazer tudo e é ser mesmo completamente humano.

O encontro com Cristo, que Cristo tenha se feito sensível a nós exalta a nossa humanidade. Sem Cristo o celular é um brinquedo que te diverte, você faz telefonemas, mas com Cristo o celular pode se tornar um

²⁵ J. Carrón, “Unidade, lei do conhecimento”, *Passos-Litterae communionis*, n. 13 (2000), p. 47.

instrumento para viver a vida com mais intensidade. Então, repito: se o nosso amigo é sério com ele próprio e ouviu dizer que há uma maneira inteligente de viver a paixão pelo celular, que permite viver toda a realidade com mais intensidade, então, para ele, o comprar o celular exige muito mais, porque é uma possibilidade que eu tento viver com toda a minha afeição e a minha inteligência. Quando ouvi esta pergunta pensei mesmo em dizer isso: o reconhecimento é fazer tudo. Aquilo que nós geralmente fazemos, que é viver a vida sem estar presentes, sem o coração aberto, isso é propriamente não fazer nada a todos os níveis, porque é a redução da nossa humanidade.

Sou de Pescara. Gostaria de perguntar o que no fundo significa dizer “Tu”, porque ontem durante a Via-Sacra procurei envolver-me como tinha sido dito, atenta e desperta para o Tu, mas escapava-me. Esta situação tem de se resolver, porque é insustentável manter esta vertigem.

Medina. Esta foi a pergunta que mais me comoveu; e ontem à noite, quando a ouvi pela primeira vez fiquei sem palavras e, pouco depois, como Pedro, disse: “Agora tenho de responder”, e veio-me à memória este exemplo, que possivelmente pode ajudar vocês.

A minha mãe sempre gostou de mim, desde que eu era pequeno, mas passaram-se muitos anos até eu chegar a reconhecer o amor da minha mãe. Lembram-se do que eu disse antes sobre o tempo? Muitos anos para reconhecer o amor da minha mãe, muitas experiências, muitas evidências até que um dia me percebi dizendo: a minha mãe gosta mesmo muito de mim. E foram necessários ainda mais anos para reconhecer a minha mãe como uma pessoa diferente de mim, quer dizer, para ser atingido pelo fato de ela existir e de eu existir porque ela existia. Foram necessários muitos anos e um dia me surpreendi dizendo: é mesmo muito bom que você exista! Tantas experiências e tantas coisas dadas por óbvias. Vou contar um pormenor “em segredo”: o esforço mais difícil para mim ao ir para o seminário foi que, desde os meus quinze anos, acordava de manhã e a minha mãe me levava um sumo de laranja à cama, porque assim eu bebia e despertava. Depois nunca mais consegui acordar, tenho mesmo muita dificuldade em acordar de manhã! Foi isto que aconteceu durante quase dez anos e nenhuma vez cheguei a dizer: “Olha que esta senhora gosta mesmo muito de mim!” Um dado óbvio: os fatos acontecem, mas não chegamos a julgar verdadeiramente aquilo que nos aconteceu.

Dizer “Tu” é algo que você se surpreende dizendo, não é uma sua imposição sobre o real. Repito, dizer “Tu” não é algo que diga à força, é algo que você se surpreende dizendo como resposta ao impacto com o real. Como naquele texto que li para vocês de Evelyn Waugh, em que ela, depois de anos de relação, falando do amigo Sebastian, se interroga: “Talvez o nosso amor seja somente um indício de algo maior, um símbolo de algo maior, uma porta que se abre como num sonho para mostrar apenas o prolongamento da passagem, uma porta que a seguir tem um corredor e outra porta, até a outra porta. Talvez eu e você sejamos máscaras [e ela diz isso no melhor sentido, ou seja, que há mais alguma coisa por detrás] e a tristeza que por vezes cala entre nós nasça da desilusão da nossa procura, ambos propensos ao esforço de passar através e ir além do outro”²⁶. Esta é a descrição de viver com o coração, de estar propensos ao esforço de passar através e além do outro, vislumbrando fugazmente a sombra que sempre a cada esquina nos precede alguns passos, a sombra de alguém que se move. E tu passas através da realidade em tensão e cada vez que você passa outra porta entrevê, na sombra, alguém que está diante de você, que continua indo mais além.

Li isto porque para mim, no tempo, se tornou uma maneira muito bonita de expressar o que significa viver com o coração, sendo que, quanto mais você vive a realidade com o coração, mais a realidade fala, fala desta presença de Outro. Há uma passagem de uma carta de uma amiga nossa que dizia: “Fui às férias, finalmente subo a montanha e lá, vendo a beleza, pela primeira vez me surpreendi dizendo: ‘Tu fizeste tudo isto para mim’, porque quanto mais se embate com o real, mais esta Presença se torna evidente para você”. Tenham a paciência de viver a vida com o coração e verão como esta pergunta “Quem és Tu?” nasce dentro de vocês. Este reconhecimento da presença de um Outro nasce dentro de vocês. O “Tu”, dizia Dom Giussani, é a palavra mais digna que há para quem reconhece o fato de que existe o Outro. Do mesmo modo o método que Cristo introduz, o encontro, nos faz compreender que viver é estar em relação. Isso é realmente muito bonito: estar em relação, o encontro, estar em relação com o Mistério. Que viver é estar em relação quer dizer que tudo se converte em oportunidade para esta relação e, portanto, o amigo, a namorada, o estudo, o celular, tudo é possibilidade de relação com o Mistério, de um diálogo com o Mistério, não são coisas a usar, ou que apenas criam uma sensação de contentamento dentro de nós, mas uma relação.

²⁶ Cf. E. Waugh, *Reviver o Passado em Brideshead*, op. cit., p. 331.

O fato de o método de Cristo ser o encontro enche a vida de um sentido de sacralidade, é como se tudo te fosse dado por um Outro. Eu tenho sempre este exemplo em mente. O meu carro, o que eu comprei, o dirijo todos os dias, não presto nenhuma atenção nele, não cuido nada dele e não me preocupo. Reparei nisto porque, há dois anos, um amigo me emprestou o carro dele, fantástico, para ir às férias, e eu notei que o fato de esse carro não ser meu me deixava tenso: estava atento a onde estacionava, ao passo que se fosse o meu o teria “deixado ali”, só que este tinha sido emprestado por um amigo que gosta muito de mim. Percebem como muda a maneira de viver a vida? É uma relação, eu, conduzindo o carro do meu amigo, estou em relação com o meu amigo, a ponto de alterar a forma de conduzir, não por ele me ter dito: “Olha, muita atenção que este carro custa tanto”, ele não me disse nada, mas precisamente pela memória dele mudei a forma de conduzir. Lembro isto porque levei dez minutos para encontrar o estacionamento perfeito. A certa altura pensei: basta! Isto é ridículo, é apenas um carro! Mas repararam que o fato de este carro não ser meu, mas de outro que me deu, me fez viver aquilo com mais intensidade? É até um exemplo muito simples, mas o fato de o carro não ser meu me faz estar atento, no sentido positivo, quando conduzo, mais atento, me faz tratar as coisas bem, não as descarto. Então, se você vive a vida no tempo, ciente do fato de que as coisas lhe foram dadas, lhe são dadas, a vida é diferente. Você trata a sua namorada de qualquer modo? “Se hoje não quero falar contigo, não falo, se hoje tenho vontade de falar contigo, falo... Hoje preciso de você e tudo bem, amanhã não e então saio com os amigos...”. Nós tratamos todas as coisas assim, porque são as minhas coisas, são minhas, me pertencem e as trato como quero: é o meu celular, se eu quiser jogá-lo no chão, jogo. Mas se este celular me foi dado por um amigo que gosta realmente de mim e me diz: “Olha, lhe dou este celular, assim pode estar em contato com os seus pais”... isso é viver a vida como dom. Repito a pergunta que vocês fizeram antes: se aconteceu, não tenho de fazer mais nada? É uma mentira. Um amigo me dá o celular, faço mais coisas do que fazia antes, tenho de ter cuidado com ele. Entendem como a vida muda? Vocês não se dão conta de como um pequeno tu (com “t” minúsculo) já muda a sua vida? É uma relação. Se a coisa é concedida a você, dada para você, e não a comprou com o seu dinheiro, mas foi dada, você a trata de maneira diferente. E se com o tempo você se dá conta de que a vida te foi dada, que há Alguém que gosta tanto de você que te deu esta companhia? Então a vida muda. O ir às aulas na segunda ou na quarta-feira, o momento de voltar para casa, te foi dado, aquele professor te foi dado, aqueles amigos ali te foram dados. Pensar estas coisas, estar conscientes destas coisas, me dá vontade de chorar. Gosta tanto de mim que sendo tudo Seu, o dá a mim para que eu possa gozar a vida? O exemplo que dei da minha mãe foi o ponto que mais me comoveu: primeiro me dei conta de que a minha mãe gostava de mim, passado um tempo me dei conta de que a minha mãe existia, mas o que mais me comoveu foi quando me dei conta de que a minha mãe me foi dada.

Se uma pessoa não tem paciência de viver a vida com simplicidade, dizer “Tu” pode ser até uma redução intelectual de toda esta experiência. A única coisa que você pode fazer é viver a vida presente, com intensidade, com o coração. Por exemplo, eu ontem acordei, vi o mar e pensei: “Que lindo!”. Senti o ar quente no meu rosto e pensei: “Que bom!”. Isso é sentir o real. Para mim foi simples dizer: “Obrigado, meu Deus, porque existes, porque me deste todas estas coisas! Tu as deste a mim”.

Sou de Módena. Muitas vezes nos enchamos de coisas para fazer para nos distrairmos daquilo que verdadeiramente queremos, mas os primeiros a encontrar Jesus ficaram tão impressionados que deixaram tudo para segui-Lo. Nós não podemos deixar tudo materialmente, depois do Tríduo voltamos à vida de todos os dias, temos de ir à escola, há coisas que não podemos deixar. A minha pergunta é: como podemos fazer o que temos para fazer, e também o que queremos fazer, sem que isso seja uma distração?

Medina. Como você responde a esta pergunta depois das coisas que dissemos?

Dissemos que as coisas, se não são uma distração, podem ser um meio par chegar a Cristo, mas...

Medina. Responde a esta pergunta: as coisas são realmente uma distração?

Umaz vezes sim, outras vezes...

Medina. Mas não. As coisas são as coisas, as pessoas são as pessoas. E uma pessoa pode vivê-las como uma distração ou como uma possibilidade. Qual é a diferença entre as duas? O que é que te faz viver a vida como distração ou a vida como um intenso estar presente?

Talvez a minha disposição.

Medina. A sua disposição. E como é? Descreve a sua disposição.

Se eu aceito que sejam algo diferente, que sejam outra coisa e não aquilo que eu penso.

Medina. Pode explicar isso?

Se quando faço uma coisa espero que possa me levar a algum lugar e não seja apenas uma obrigação ou um passatempo.

Medina. Vou dar um exemplo, assim ao menos entendem este ponto e depois respondo à sua pergunta. Quando estão cansados e não têm vontade de fazer nada, ficam na frente da televisão, se estendem no sofá apaticamente e veem uma coisa qualquer. É isso que vocês chamam fazer coisas... e então tudo é distração. Só que eu não estou aí, porque não estou com atenção para reconhecer algo que está presente. Vejam como é diferente a posição quando eu estou diante do televisor porque há um jogo que quero ver: estou muito atento e se você ameaça passar à minha frente... Há uma diferença muito simples, é a diferença entre viver distraído o em tensão, em tensão para reconhecer algo que se impõe. Aquilo que vocês chamam fazer qualquer coisa é estar ali com o celular e dizer: “Sim, você ouviu?... foi lindo!”, “Eu não gostei, mas tudo bem...”. Isso não é não fazer nada, é fazer muitas coisas só por fazer, porque como somos seres humanos com o sentido da razão, com a capacidade de pensar e de sentir, algumas coisas até teremos de fazer, caso contrário seríamos uns vegetais. O ponto é este: estar verdadeiramente (não fazer, estar!) com atenção para reconhecer algo que está diante de nós. Pense em todos os pormenores: como você está sentado, e mesmo como está vestido, diz tudo desta tensão que você tem para reconhecer Outro. Se há um rapaz de quem você gosta, você pensa no que vai vestir: “Agora vou pôr este vestido que é mais bonito, e assim talvez ele olhe para mim...”. Se não existe nenhum interesse fora de você, um pijama serve perfeitamente. Se você não espera ninguém, está ali, mas se alguém está para vir, e o vestido não está limpo, é preciso limpá-lo, se pergunta se a cadeira ainda está quebrada... Tudo muda.

Pensar que o fato de Ele ter tomado a iniciativa de vir ao nosso encontro significa reduzir a nossa humanidade é totalmente falso. É a exaltação da minha humanidade! Mas a sua pergunta tem dois pontos que na minha opinião são belos: Cristo veio e você fez um encontro, mas amanhã tem que ir à escola. Os apóstolos, não tendo uma escola, não tinham esse problema. Então você pergunta: “O que fazer? O que fazer para segui-Lo?”.

Como se consegue responder ao Senhor é algo que não é você que decide, é Ele quem decide. Isso é a vocação. O fato de Ele ter se colocado diante de nós, que tenha aparecido, que tenha acontecido diante de nós, indica não só o modo como você se dá conta de ter mudado porque Ele está presente, mas também o modo de viver a vida, e isso não é você que escolhe. Muitos conheceram Cristo, há uma passagem do Evangelho, que me ficou na cabeça, em que um homem é curado por Jesus e diz: “Olha, eu quero ir contigo”, e Jesus: “Não, você volta para casa”. É impressionante! Aos apóstolos diz: “Venham comigo” e a este homem, que está realmente contente, feliz, completamente tomado, belo, cheio de admiração, que foi curado por Cristo, Cristo, tendo olhado para ele, diz: “Pare, volte para casa...”. É Ele quem escolhe, foi Ele que tomou a iniciativa. Isso nos chateia um pouco porque parece que perdemos a nossa liberdade; realmente pensamos: se é Ele quem escolhe eu deixo de ser livre.

Mas sobre isto vos ofereço dois pequenos pontos. O primeiro: a liberdade, no sentido de possibilidade de escolha, você ainda a tem, pode decidir ir ou não. O segundo: mas a verdadeira liberdade, a experiência de ser livre, como eu ouvi falando com alguns de vocês – “a experiência de sentir-me livre dos meus pesos, livre d’Ele, novo” –, está precisamente em pertencer a Ele, não é a redução do humano, é a exaltação do humano, é a exaltação da sua liberdade, que São Paulo exprime de forma muito bonita: “Sou escravo de Cristo, e isso me faz livre”, “O fato de ter sido tomado por ti me torna livre”. Alguns dizem: “Ora, mas não és livre de decidir”, “Mas se não sabes para onde ir o que é que há para decidir?”, “Não sei para onde ir? Posso ir por aquela porta, ou aquela ou aquela... Posso escolher”, “Mas se não sabes para onde ir, que importa se podes escolher ou não? Olha, a única coisa que te faz ser livre é pertencer a Ele, é ser agarrado por Ele, ficar colado a Ele, que te pede que O abrace com toda a tua paixão, com toda a tua razão, com todo o teu afeto”. A Sua presença muda o modo e as relações com os outros, muda tudo, não é você que muda as coisas. O fato de você reconhecer, como disse antes, que você foi amado a tal ponto que lhe foi dada a vida, que todos os pormenores da vida são para você, muda o modo de se relacionar com as coisas. O ir às aulas muda, não por um esforço pessoal seu: “Agora cumpro as regrazinhas, vou para as aulas concentrado, presente”, porque vem o professor que é enfadonho e pouco depois você não aguenta mais. É diferente, é completamente diferente, e se vocês ainda não perceberam isso têm de confiar em mim e confiar naqueles que dizem isto a vocês, é realmente diferente: na minha experiência é diferente quando eu reconheço que este minuto da minha vida me foi dado. E imediatamente, quando temos a graça de reconhecer a vida como dada, acontecem duas coisas: primeiro de tudo, agradeço a Deus por ter me dado isso; em segundo lugar, ofereço: “Isto é Seu”. Cada ação, quando vivemos a vida conscientes do amor recebido de Cristo, se torna oferta e a vida torna-se vocação. Dom Giussani diz que a oferta é a palavra mais importante: a oferta constitui a forma de pedido mais pungente. Uma forma de pedido: a oferta

é, antes de mais, reconhecer que aquilo de que a realidade é feita é Cristo. Que aquilo de que a namorada é feita é Cristo significa que a sua namorada te foi dada para que você possa experimentar o amor de Cristo, para que você possa entrar em relação com Cristo. Amigos, se isto não muda o seu modo de estar com a namorada, então não ainda não compreenderam nada. Quando uma pessoa compreende e encara isso de frente, quanto mais o sente, quanto mais o faz tornar-se conteúdo da experiência, mais vem o ímpeto de dizer: “Senhor, vem, mostra-Te! Se isto é feito por Ti, se este pôr-do-sol é feito por Ti, mostra-Te!”. A oferta é dizer “Tu” aos amigos, é reconhecer que o outro não sou eu, e portanto, se me é dado, não posso abusar dele, não posso usá-lo como quero, como se fosse meu, porque me foi dado. Dar-se conta disso enche a vida de sacralidade, a vida torna-se sinal, a realidade é sinal deste Tu. As coisas mais belas da vida são consequência (consequência quer dizer que vêm a seguir) de reconhecê-Lo, a vida moral é consequência de reconhecer a Sua presença. É aqui que temos dificuldade. Não é um esforço; é só porque Ele está presente que as coisas são claras, mas eu tenho de ser investido com todo o meu ser e viver esta tensão. O trabalho é este: tender para Ele que está presente. Releiam depois, quando tiverem tempo, o comentário de Dom Giussani ao encontro de João e André: ficaram mudados, e André abraçou a mulher de forma diferente, como consequência de ter reconhecido uma graça presente.

Viver assim, viver a vida como oferta, chama-se “virginidade”. Viver as coisas, as relações com as pessoas, tudo, mesmo o celular, em função de Cristo, determinados por esse olhar de Cristo, não é somente para os padres ou para os *Memores*, mas para todos. Olhem que beleza! Viver com o olhar que Cristo tinha sobre as coisas, viver e ver as coisas segundo a origem, segundo Quem as deu, segundo Aquilo de que em última análise são feitas, segundo o Mistério, é uma explosão e uma alegria que nem sequer conseguem imaginar, “cem vezes mais” – diz o Evangelho – do que poderiam imaginar. É desse modo que as coisas que antes eram chatas (por exemplo ir à escola) se tornam adoráveis, porque quanto mais crescemos nesta relação com Cristo e mais vivemos a vida de coração aberto, mais Cristo é “definido” nos seus traços. Talvez para alguns agora o fato de sentirem que sete mil pessoas gostam deles não é ainda definido como um rosto, mas pouco a pouco esse rosto, que é a presença de Cristo na companhia, define-se no tempo: quanto mais crescemos nesta relação, mais definido fica, mais fico consciente de que foi este Cristo que me deu todas as coisas, o carro, o céu, o celular, as aulas, e tudo mais se torna adorável, porque tudo me recorda d’Ele. Como aquele presente que lhe foi dado pela amiga ou pelo amigo de quem você tanto gosta e, quando você vê o presente, lembra e diz: “Que lindo!” A realidade torna-se amável, adorável, precisamente porque estou certo que pertence Àquele que me quer bem. É tão importante julgar, estar certos que alguém te quer bem, te deu tudo, porque tudo, mesmo a doença e a morte, tudo se torna amável, adorável, e até o pecado se torna aceitável. A verdade da vida é medida pelo Mistério: aquele vislumbre de uma sombra se fez carne e este mundo onde você come, briga, estuda, trabalha, pertence a Ele, lhe foi dado por Ele, para que assim você possa experimentar o amor de Deus. É preciso decidir por isso. Decidir quer dizer estar com atenção para reconhecer este Outro que existe, não as suas ideias sobre o que você julga que seja o mundo, mas uma Presença que se impõe e me muda: decidir entre a minha medida, o meu “mas”, as minhas objeções, os meus medos, ou decidir pela medida do Mistério, que a muitos de vocês fez sentir nestes dias qualquer coisa de excepcional. É claro que você é livre de escolher entre as duas soluções, mas só uma te faz sentir livre.

Tenho ainda que lhes dizer duas coisas, antes dos avisos.

Em primeiro lugar, peço a todos vocês que se comovam e rezem pela Stella, uma jovem dos colegiais de Varese que amanhã vai ser batizada, recebe o nome através do batismo de Cristo. Estejam comovidos porque ela O reconheceu a ele como pai, como aquele que lhe dá a vida; que isso suceda faz-me comover e peço também a vocês que rezem.

Por último gostaria de vos ler a mensagem que o padre Julián Carrón nos enviou. Ontem à noite telefonamos comovidos por estes dias e eu lhe pedi que nos enviasse uma saudação. Vou ler:

“Agora sentem vibrar como nunca sentiram todo o desejo de felicidade que os constitui. A ponto de vocês mesmos ficarem surpreendidos. ‘Natureza humana, como podes, Sendo frágil em tudo e vil, Se pó e sombra és, tão alto sentir?’, dizia Leopardi admirado. É tão grande a exigência do nosso coração Que por vezes chegamos a ficar desconcertados. Nada nos dá paz. Nada parece estar à altura dos nossos desejos. Quanta ternura precisamos ter por nós próprios para não desertarmos o nosso próprio coração! Aquele que não desiste, mais cedo ou mais tarde compreenderá por que valia a pena: para descobrir o fascínio de Cristo. Espero encontrar entre vocês sempre mais amigos que, assim como o décimo leproso, não se contentam com nada menos do que a Sua presença, a Sua amizade. Seu companheiro de destino, **Julián**”.